



UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA – UNILAB

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPPG

INSTITUTO DE HUMANIDADES – POSIH

MESTRADO INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES - MIH

***TOKA-TCHUR*¹: UM RITUAL DA ETNIA *Brame* DA GUINÉ-BISSAU**

LENILDA DA COSTA LIMA OLIVEIRA

REDENÇÃO-CE

2024

¹ *Toka- Tchur* é um ritual fúnebre realizada pós- morte na etnia *Brame* ou *Mancanha* e outas etnias na Guiné- Bissau.

LENILDA DA COSTA LIMA OLIVEIRA

TOKA-TCHUR: UM RITUAL DA ETNIA Brame DA GUINÉ-BISSAU

Dissertação apresentada ao Colegiado do Curso de Mestrado Interdisciplinar em Humanidades, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira/UNILAB, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Humanidades.

Orientador: Prof. Doutor Ricardo Ossagô de Carvalho.

REDENÇÃO-CE

2024

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Oliveira, Lenilda da Costa Lima. O48t

Toka-tchur: um ritual da etnia Brame da Guiné-Bissau / Lenilda da Costa Lima Oliveira. - Redenção, 2024.
114f: il.

Dissertação - Curso de Mestrado Interdisciplinar em Humanidades, Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira, Redenção, 2024.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Ossagô de Carvalho.

1. Ritos e cerimônias fúnebres - Guiné-Bissau. 2. Mancanha (povo africano) - Usos e costumes. 3. Guiné-Bissau - Usos e costumes. I. Título

CE/UF/BSP

CDD 393

LENILDA DA COSTA LIMA OLIVEIRA

TOKA-TCHUR: UM RITUAL DA ETNIA BAME DA GUINÉ-BISSAU

Dissertação apresentada ao Colegiado do Curso de Mestrado Interdisciplinar em Humanidades, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira/UNILAB, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Humanidades.

Orientador: Prof. Doutor Ricardo Ossagô de Carvalho.

Aprovada em:

Documento assinado digitalmente
 **RICARDO OSSAGO DE CARVALHO**
Data: 19/12/2024 09:42:10-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Orientador e presidente Prof. Dr. Ricardo Ossagô de Carvalho Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Documento assinado digitalmente
 **LOURENCO OCUNI CA**
Data: 19/12/2024 08:45:35-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Examinador Externo Prof. Lourenço Ocuni Cá
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Documento assinado digitalmente
 **ROQUE DO NASCIMENTO ALBUQUERQUE**
Data: 19/12/2024 11:05:43-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Examinador Interno Prof. Dr. Roque do Nascimento Albuquerque Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)



Documento assinado digitalmente

ARTEMISA ODILA CANDE MONTEIRO

Data: 18/12/2024 11:14:25-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Examinadora Externa Profa. Dra. Artemisa Odila Candé Monteiro Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Dedico este trabalho aos povos da etnia Mancanha da Guiné-Bissau, pelo acolhimento, disponibilidade e confiança em revelarem os significados de algumas práticas culturais.

AGRADECIMENTOS

Chegado ao fim desta caminhada, agradeço a Deus pela saúde, força e determinação para vencer as batalhas do dia a dia.

Agradeço aos meus pais, Francisco José e Maria de Fátima, pelo incentivo, apoio e pelo ensino, por colocarem a educação das filhas em primeiro lugar; às minhas irmãs Lúcia de Fátima da C. L. de Sousa, Lucineide da C. Lima e Leidiana da C. L. Silva. Aos meus sobrinhos Luiz Gustavo, Matheus, Miguel Arthur, Ana Liz e Ádila Victoria, por todo amor e apoio recebido.

Ao meu esposo, Adilson Victor Oliveira, natural da Guiné-Bissau e da etnia *Mancanha*, cuja origem foi primordial para a escolha do objeto desta pesquisa. Agradeço por todo incentivo e apoio em todos os momentos.

Agradeço à minha família da Guiné-Bissau, que depositou total confiança e esteve disponível durante o trabalho, como o tio Dr. Armando Mango, advogado e deputado da nação, e sua família, pela recepção em sua residência durante os cinco meses que estive no campo, pelo carinho e cuidado dedicados a mim e ao meu esposo. Ao meu cunhado Batista Martins Sanca e ao tio Nancassa, pela disponibilidade em me acompanhar durante a pesquisa no campo; ao régulo de Bula, senhor João Morais Mancabo, e a todos os anciões que me apoiaram durante todo o processo. À família Mango, que me recebeu nos momentos dos rituais de *Katchassa*, *Nguran* e *Toka-tchur* na *tabanka* em Có.

Agradeço também ao Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas da Guiné-Bissau (INEP), que disponibilizou total apoio para a pesquisa e pelos livros adquiridos. Meus agradecimentos à Unilab, que, por meio da parceria com os países da CPLP, proporcionou a integração acadêmica com os estudantes internacionais e permitiu essa grande integração entre os povos. Ao Instituto de Humanidades (IH) e ao Programa de Pós-graduação Mestrado Interdisciplinar em Humanidades (MIH), e também à Unilab, por ter financiado a bolsa de estudos, permitindo minha viagem ao campo de pesquisa na Guiné-Bissau. Agradeço aos professores e colegas de turma que compõem o programa MIH.

Aos prefeitos Davi Benevides, de Redenção, e Francisco Edilberto Beserra, de Acarape, por me derem emprego enquanto eu aguardava a contemplação da bolsa de estudos.

Agradeço ao meu orientador, Professor Doutor Ricardo Ossagô de Carvalho, que foi atencioso e a quem devo grande parte do aprendizado destes dois anos. Muito obrigado por tudo o que fez por mim.

À banca examinadora, composta pelo Professor Doutor Roque do Nascimento Albuquerque, pelo Professor Doutor Lourenço Ocuni Cá e pela Professora Doutora Artemisa Odila Cande Monteiro, agradeço pela aceitação, leitura atenta do trabalho e pelas contribuições.

RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo compreender o significado do *Toka-tchur* para a etnia *Brame* em Guiné-Bissau. Trata-se de uma prática ritualística fúnebre que ocorre nas *tabankas* dos *Mancanhas*, sendo também realizada por outras etnias. Os *Mancanhas*, que geralmente vivem entre as *tabankas* de Có e Bula, onde estão em maior número, estão espalhados por toda a Guiné-Bissau. Este estudo privilegia quatro aspectos principais: as etnias guineenses e suas inter-relações socioculturais; a organização social e cultural dos *Mancanhas* de Có e Bula; os signos étnicos utilizados para a comunicação com os ancestrais, com o objetivo de entender os procedimentos de realização de cada ritual pós-morte, culminando no ponto-chave, que são os rituais de *Toka-tchur*. Este ritual representa uma transição e comunicação com os ancestrais, além de manifestar o luto. É o último ritual que marca a passagem do falecido para o mundo das ancestralidades. Cada pessoa ocupa um lugar específico dentro da tradição, e, ao morrer, esse lugar é avaliado para a realização dos rituais apropriados. Por exemplo, os rituais fúnebres do *régulo* são distintos dos realizados para as demais pessoas das *tabankas*. Através da interdisciplinaridade, foi possível adotar diversas abordagens sobre o tema em estudo, alcançando-se o resultado esperado.

Palavras-chaves: Guiné-Bissau, *Toka-tchur*; Etnia *Mancanha*.

ABSTRACT

This dissertation aims to understand the meaning of *Toka-tchur* for the Brame ethnic group in Guinea-Bissau. It is a ritualised funeral practice that takes place in the *tabankas* of the *Mancanhas* and is also performed by other ethnic groups. The *Mancanhas*, who generally live between the *tabankas* of C   and Bula, where they are greatest in number, are spread throughout Guinea-Bissau. This study focuses on four main aspects: Guinea-Bissau's ethnic groups and their socio-cultural interrelationships; the social and cultural organisation of the *Mancanhas* of C   and Bula; the ethnic signs used to communicate with the ancestors, with the aim of understanding the procedures for carrying out each post-mortem ritual, culminating in the key point, which is the *Toka-tchur* rituals. This ritual represents a transition and communication with the ancestors, as well as manifesting mourning. It is the last ritual that marks the passage of the deceased into the world of ancestry. Each person occupies a specific place within the tradition, and when they die, that place is evaluated in order to carry out the appropriate rituals. For example, the funeral rituals of the *régulo* are different from those of the other people in the *tabankas*. Through interdisciplinarity, it was possible to adopt various approaches to the subject under study, achieving the expected result.

Key words: Guinea-Bissau, *Toka-tchur*; *Mancanha* ethnic group.

RESUMU NA KRIOL

Es tarbadju di mestradu i tené objetivu kumprindi kal ki balur di *Toka-tchur* pa *Brame* di Guiné-Bissau. Es cirmônia ku *Mancanhis* ta fasi, utrus etnias tambi ta fasil na Guiné- Bissau, pabia i um cirmônia sagradu. *Mancanhis* i grupo di djintis ku ta papia mesmo língua, ku tené mesmo tipo di cirmônia. Cê tabankas i Bula ku Kó ku fika situado na norte, região de Cacheu, sector de Bula e secção de Có, mas es djintis tambi esta na tudo lado di Guiné-Bissau, mas es dus tabankas ku nó tchoma, lá ku cê tchom sagradu, la ku cê régulos ta vivi nel. Na es tarbadju nó kudji kuartu kusas pa papia del, suma esis: etnias ku manera ké ta sta ku nghutru; kuma ku sta organisadu; kal tipos di kusas ké ta usa na cê etnia, pa papia ku djintis ku muri dja antes dé bim fasi *Toka- tchur*; ku utrus kusas ku nó papia del na tarbadju. Pabia di kuma, pa es etnia, kada alguim tené si lugar na cê cermônia. Pa pudi fasi es tarbadju, nó kudji kaminhu ku djudanu pa nó pudi papia ku utrus áreas di djiresa pa nó pudi tchiga resultado. Pa kila, nó pega kaminhu kuta tchomadu interdisciplinar, el i djudanu papia ku djintis de antropologia, sociologia, história, estudos africanos ku utrus. Na fim, nó konsigui otcha manga di informason, kila ku pui nó konsigui skirbi es bom tarbadju ku bó na odja sim.

Palavras- chaves: Guiné-Bissau; *Toka-tchur*; Etnia *Mancanha*.

INDICE DE FIGURAS

Figura 1- Estrutura Hierárquica etnia <i>Mancanhas</i>	49
Figura 2- Porto da Guiné- Bissau	50
Figura 3- Demonstração de quem fez Katchassa e quem não fez	53
Figura 4- Nasih ou Régulo da Tabanka de Bula	54
Figura 5- Entrada para o palácio do Régulo na tabanka de Bula	55
Figura 6- Templo para realização de cerimonial em Bula	57
Figura 7- Sistema hierárquico das cidades de Có e Bula	59
Figura 8- Guardião do Cemitério de Có, etnia Mancanha, cerimônia de Nguram.....	60
Figura 9- Plantação de Arroz.....	61
Figura 10- Plantação de Milho Preto, utilizado na cozinha dos rituais.	62
Figura 11- Plantação de Berinjela	63
Figura 12- Plantio de Djakatu na tabanka de Có (Jilo)	63
Figura 13- “Bandjanham”, figura de um responsável de tocar bombolom num Toka-tchur em Có	66
Figura 14- Kambúmulum (bombolom)	67
Figura 15- Kassekulum	68
Figura 16- Uibm Wipumagh	70
Figura 17- Planta Badôdoce utilizado na armação de Djongago dos Mancanhas.....	77
Figura 18- Reunião na tabanka de família Mancanha em Có, cerimônia de Nguram	79
Figura 19- Cerimônia de Nguran Masculino.....	80
Figura 20- Cerimônia de Nguram da mãe da mulher de roupa preta na foto em Có	81
Figura 21- Saída da casa para o cemitério em Có	82
Figura 22- Um senhor Bandjanhã guardião do cemitério de Có à conversar com a mulher...	83
Figura 23- Comida sagrada posta debaixo de poilão como oferenda para os mortos.	84
Figura 24- Comida sagrada sobrejada sobre a campa do/a falecido/a.....	85
Figura 25- Comida sagrada Katchassa na cerimônia do Nguran	86
Figura 26- Pesquisadora com participação ativa no momento da cerimônia	87
Figura 27- Cemitério de Có.....	89
Figura 28- Comida de citi e lite (óleo de dendê e leite) durante Nguram	90
Figura 29- Katchassa (comida sagrada)	90
Figura 30- Milho preto utilizado na cozinha de katchassa	91

Figura 31- Tabanka de Bula: cerimônia ULEMP.....	92
Figura 32- Bdjimpal do Régulo de Có realizado em maio de 2023	95
Figura 33- Cerimônia Toka- Tchur: tocadores de bombolom na tabanka de Có	99
Figura 34- Ritual Karmussa (louvor, agradecer, manifestar) do primogênito durante toka-tchur.	100

APÊNDICE

Apêndice 1- Feira da tabanka de Bula	108
Apêndice 2- Mercado na chapa de Bissau	108
Apêndice 3- Entrevista com o Senhor João Biaguê em sua residência	109
Apêndice 4- Ritual de Nguram: ensinamentos da cultura enquanto se come a comida sagrada	109
Apêndice 5- Primeira esposa do régulo de Bula	110
Apêndice 6- A segunda esposa do régulo de Bula.....	110
Apêndice 7- Terceira esposa do régulo de Bula	111
Apêndice 8- Quarta esposa do régulo de Bula.....	111
Apêndice 9- Feira d'água: vendas de cabaças	112
Apêndice 10- Feira artesanal de Kukero.....	112
Apêndice 11- Régulo de Bula: cerimônia ULEMP	113
Apêndice 12- Bombolom Kassekulum em Có	114
Apêndice 13- Bamdjanhãs	114
Apêndice 14- Bamdjanhãs	115
Apêndice 15- Mulheres no ato inicial do ritual de toka-tchur	115

LISTA DE ABREVIATURAS

BCGP	Boletim Cultural da Guiné Portuguesa
CPLP	Comunidade de Países de Língua Portuguesa
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas da Guiné-Bissau
OLOF	Língua de um grupo étnico no Senegal
PAIGC	Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde
RTA	Religiões Tradicionais Africanas
RUs	Restaurantes Universitário
SCAP	Seção de Cadastro e Arquivo de Pessoal
SECRAGI	Secretaria de Registro Acadêmico, Arquivo e Gestão da Informação
SGP	Superintendência de Gestão de Pessoas
UNILAB	Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

LISTA DE TRADUÇÃO: CRIOLO/ MANCANHA PARA PORTUGUÊS

AKETCHI: A pessoa morreu

ANORFANI: morreu calmamente

BADÔDOCE: Planta usada para o ritual de *Djongago*

BÁFAN: Crianças/Adolescentes

BA-FIGHÃ: Ele foi morto ou alguém provocou a sua morte

BAMI E MEDÚ: Linhagens que assumem o *regulado* de Bula

BANDIM: Nome do mercado e de um bairro em Bissau

BANJANHÃS: Conselheiros do *régulo*

BANTÓHI BADÚMAAKU: Homens grandes que realizaram todas as cerimônias de emancipação

BATCHÁFF: Velho

BATCHASA BANTÓHI: Jovens casados

BATCHASSA: Jovens

BIDEIRAS (NOME NO CRIOULO): Mulheres feirantes

BIDJIMPAL, KADJIM, DJONGAGO: Ritual feito para descobrir o motivo da morte

BLUFÚ: Pessoa irresponsável ou que não se fez o ritual de iniciação

Brame/ MANCANHA: Grupo étnico na Guiné-Bissau

CABAÇA: Objeto redondo utilizado em quase todos os rituais

CABACEIRA (BAOBÁ), CIBE, POILÃO: Árvores

CITI-KU-LITE: Comida feita de arroz, leite de vaca, óleo de dendê

CRIOULO: Língua cultural e “nacional” da Guiné- Bissau

DANA PANU MALGÓS: Desrespeito à família no momento de luto

DAPPÁ E CAPÚ: Linhagens que assumem o *regulado* de Có

DJAKATU: Um tipo de legume chamado Jiló

DJORSON: Linhagem

DJUMBAI: Roda de Conversa

DUANHA: *perde alguém* (morreu)

ESPERA: vestido longo, comumente utilizado entre pessoas do sexo feminino

FÉRIA-GARANDI: Férias rolongadas

GUMBÉ: nome da música e da dança

KA' HUR: Grito

KABUKA: Comunidade de uma mesma linhagem

KAFOOTH- IFUNTUB (assobio ou flauta de boca): Instrumento musical

KAMBAMSAM: Esteira

KAMBÚMULUM, BOMBOLOM: Instrumento sagrado para ritual de *Toka- tchur*

KAMKURAM: Um tipo de divindade nas tradições de circuncisão

KARMUSA: Honrar alguém através de coreografia tradicional no ritual de *Toka- tchur*

KASSEKULUM: *Bombolom* pequeno que fica no meio de entre os dois. É um instrumento musical do líder do grupo para o ritual de *Toka- tchur*

KATCHASSA/FANADO: Ritual para formação do comportamento do homem Mancanha em termos culturais

KATCHASSA: Comida sagrada

MAMÉ: Mãe

MANCABO: Sobrenome do régulo da *tabanka* de Bula

MINDJERES- GARANDIS: Mulheres mais velhas

MORANÇA: Comunidade familiar

N´DJI KA KU, N´BOS: Juntar a areia e semear

NAKALAM ou PAUTEIRO: Pessoa que tem visão

NANSUGHA (ÑN): Líder nas comunidades

NANTOY: Homem velho

NBOF MAFOMA OU CONSTIPADO: A forma de anunciar a morte do régulo

NDJI DI KA PUNM. NHAM I SANN A KETCHI: eu tenho choro (*tchur*), ou um parente próximo meu faleceu

NGURAN: Cerimônia de finalização da passagem do luto

NHATCH: Mulher

NHINTCH: Homem

ÓLEO DE PALMA: Óleo de dendê

OMI GARANDI: Homem grande

PALMAS: Instrumento musical feito de pedaços de madeiras

PANU-DI-PINTI: Pano sagrado para as realizações das cerimônias

PÁPÉ: Pai

PAPÉIS, MANDINGAS, BEAFADOS, FELUPES, MANJACOS, BALANTAS, FULAS, NALUS, BIJAGOS, SARACULÉS, BAIOTES, CASSANGAS: grupos étnicos

PLUL: (tubo de sopro) instrumento musical

POT- VINHO

POT(UKANA): Cachaça

PUDEM KAMBANSAM ou YLSA STEIRA: Cerimônia pós morte de algumas famílias regressarem suas casas após dias de luto na casa do falecido

PUM, TCHUR OU CHORO: Luto

PUMARAM PUTAL: cortar a linha

PUMGURAM: Tumba

RÉGULO: Chefe da etnia

SIGA, KALDO DE TCHEBÉN, KALDO DE MANKARA, KAFRIELA-A – “MODA-GUIGUI”: Nomes de tipos de comidas na Guiné-Bissau

STERA: Esteira

TABANKAS: Cidades, aldeias, comunidades

TANQUE: Um recipiente utilizado como instrumento musical

TCHI UBULAM: Estamos deslizando com correnteza da água

TINA: Tipo de dança e de musica

TOKA- TCHUR: Ritual da passagem do mundo dos vivos para o mundo da verdade

UIBM WIPUMAGHA (caroço de mango): Instrumento musical

ULEMP: Ritual do régulo (comida sagrada)

UÓ WI NA SIBATCHI: foi Deus que matou ou morte natural

UPÍ: Cabra

URAM: Ritual comida sagrada

YLSA STEIRA: Ritual de despedida do falecido

ZINGUINCHOR: Região na república do Senegal

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	21
1. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	23
1.1. PROBLEMA DA PESQUISA.....	25
1.2. ESCOLHA DO TEMA DE PESQUISA.....	27
1.3. CONDIÇÕES DA PESQUISA	30
1.4. PORQUE ESTUDAR DE FORMA INVESTIGATIVA A ETNIA MANCANHA? 30	
1.5. PROBLEMA DA PESQUISA E REFERENCIAL TEÓRICOS	31
1.6. PERFIL DOS INTERLOCUTORES.....	33
1.7. LOCALIZAÇÃO DE ESPAÇOS DE OBSERVAÇÃO E DE PARTICIPAÇÃO 34	
1.8. BIBLIOGRÁFICOS.....	34
1.9. ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO.....	35
2. ETNIAS GUINEENSES E SEUS INTER RELACIONAMENTO EM TERMOS SOCIOCULTURAIS	37
2.1. GUINÉ- BISSAU, UM PAÍS DA COSTA AFRICANA.....	37
2.2. ASPECTOS SOCIOCULTURAIS ENTRE OS GUINEENSES MANCANHAS 37	
2.3. DIVERSIDADES ÉTNICAS NA GUINÉ-BISSAU.....	40
2.4. USOS E COSTUMES ENTRE AS ETNIAS GUINEENSES.....	42
2.5. AS RELIGIÕES.....	44
3. ORGANIZAÇÃO SOCIAL E CULTURAL DOS MANCANHAS DE CÓ E BULA	46
3.1. BREVE HISTÓRIA DOS MANCANHAS DE CÓ E BULA	46
3.1.1. <i>História das tabankas de Có e Bula</i> ¹⁰	47
3.1.2. <i>Pesca/venda</i>	49
3.2. KATCHASSA (FANADO)	52
3.3. NASIH- RÉGULO	54
3.4. NANSUGHA (ÃN).....	59
3.5. NANDJANHAM/ BANDJANHAM	59
3.6. LAVOURA.....	61
3.7. HORTICULTURA.....	62
4. SIGNOS ÉTNICOS PARA COMUNICAÇÃO COM OS ANCESTRAIS	64

4.1.	KAMBÚMULUM (bombolom)	64
4.2.	PLUL (tubo de sopro) ¹²	69
4.3.	KAFOOTH- IFUNTUB (assobio ou flauta de boca).....	69
4.4.	UIBM WIPUMAGHA (caroxo de mango)	69
4.5.	TINA.....	70
4.6.	TANQUE	71
4.7.	PALMAS	71
4.8.	KA' HUR (grito).....	71
5.	MANIFESTAÇÕES DO LUTO	72
5.1.	RITOS INICIAIS PÓS MORTE.....	73
5.1.1.	<i>Punm - Choro</i>	73
5.1.2.	<i>A realização fúnebre é diferenciada para homens e mulheres.</i>	75
5.2.	BUDJIMPAL E KADJIM (Djongago).....	75
5.3.	PUDEM KAMBANSAM (Ylsa Steira).....	77
5.4.	NGURAM.....	78
5.4.1.	<i>Nhintch- Homem</i>	80
5.4.2.	<i>Nhatch- Mulher</i>	81
5.5.	KATCHASSA (cozinhar comida)	89
5.6.	WURAM	92
5.7.	FUNERAL DOS RÉGULOS DE CÓ E BULA.....	94
5.8.	TRÂNSITO DA VIDA TERRENA PARA A VIDA PÓS- MORTE	96
5.9.	LIGAÇÃO ENTRE O MUNDO DOS VIVOS E DE VERDADE “MORTOS”	96
5.10.	RITUAL DE TOKA- TCHUR COMO TRANSIÇÃO E COMUNICAÇÃO COM ANCESTRAIS.....	97
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
7.	REFERÊNCIAS	105
8.	APÊNDICES.....	108

INTRODUÇÃO

A identidade étnica guineense, em particular a da etnia *brame* ou *Mancanha*, é fortemente marcada por suas diversas formas de manifestações culturais, políticas e socioeconômicas. Essa cultura torna-se importante do ponto de vista dos Estudos Africanos e dos Estudos Interdisciplinares em Humanidades, tanto na África quanto no Brasil, levando em consideração as possibilidades e condições de diálogo com outros campos disciplinares. Nos Estudos Africanos, é fundamental compreender a visão ontológica das relações socioculturais dessa etnia.

Assim, trazendo minha experiência pessoal adquirida na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e com a viagem à Guiné-Bissau, este trabalho ganha mais arcabouço e riqueza acadêmica. A Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), criada pela Lei nº 12.289 em 2010 (UNILAB, 2020), em parceria com países da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), tem como objetivo

Ministrar ensino superior, desenvolver pesquisas nas diversas áreas de conhecimento e promover a extensão universitária, tendo como missão institucional específica formar recursos humanos para contribuir com a integração entre o Brasil e os demais países membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), especialmente os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), bem como promover o desenvolvimento regional, o intercâmbio cultural, científico e educacional; [...] formar cidadãos com competência acadêmica, científica e profissional para atuar na CPLP; [...] formular e implementar políticas institucionais e programas de cooperação e mobilidade com diversas instituições científicas, acadêmicas e culturais (nacionais e internacionais), ampliando e potencializando o avanço do conhecimento e da cultura (UNILAB, 2020).

A partir das propostas de sua criação, a UNILAB promove a vinda de estrangeiros para estudar no Brasil, na unidade acadêmica de São Francisco do Conde, município localizado na região metropolitana de Salvador, no Estado da Bahia, e nas unidades acadêmicas de Palmares, Auroras e Liberdade, situadas nos municípios de Redenção e Acarape, na região do Maciço de Baturité, no Estado do Ceará, Nordeste do Brasil.

A UNILAB já formou 1.322 discentes no Ceará e na Bahia, incluindo estrangeiros de países como Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Moçambique, Angola, Cabo Verde e Timor Leste, este último localizado na Ásia. Esses estudantes frequentam cursos de graduação e seguem para pós-graduações em diferentes áreas científicas. Além dos estudantes desses países,

a universidade conta com um quadro de 21 docentes efetivos oriundos de países do continente africano, constituindo, assim, um espaço pluriversal e de integração de conhecimentos interdisciplinares.

No caso da Guiné-Bissau, país situado na África Ocidental, que faz fronteira ao norte com a República do Senegal e ao sul com a República da Guiné Conacri, foi colonizado por Portugal até 24 de setembro de 1973, quando os combatentes da liberdade da pátria proclamaram solenemente a independência, após uma guerra de 11 anos contra o poder colonial (PAIGC, 1974; Oliveira, 2020). Esse país africano adota o português como língua oficial, mas conta com mais de 20 grupos étnicos (Oliveira, 2020), dos quais os mais conhecidos são os *Mancanhas*, *Papéis*, *Mandingas*, *Beafadas*, *Felupes*, *Manjacos*, *Balantas*, *Fulas*, *Nalus*, *Bijagós*, *Saraculés*, *Baiotes*, e *Cassangas*, entre outros. Esses grupos possuem línguas, culturas e organizações sociais que, em alguns casos, apresentam práticas semelhantes, mas em outros, muitas diferenças. Embora o português seja a língua oficial, a maioria da população prefere falar o crioulo guineense, tanto nas instituições de trabalho quanto nas ruas; ou seja, na vida cotidiana, o uso do crioulo é predominante.

É nesse contexto de diversidade étnica que escolhemos estudar os *Brame* ou *Mancanha*, uma das etnias da Guiné-Bissau, localizada principalmente no norte do país, nas *tabankas* de Có e Bula, na região de Cacheu, na costa da África. No entanto, essa etnia está espalhada por quase todo o território nacional e na diáspora, especialmente no Senegal e em Gâmbia. Decidimos, porém, focar nosso estudo apenas na Guiné-Bissau e nas duas *tabankas* (Có e Bula), considerando o significado especial que essas localidades têm para essa etnia.

1. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

As metodologias, técnicas e análises de dados ao longo da pesquisa bibliográfica e de campo, adotadas numa perspectiva interdisciplinar, incluem, particularmente, a entrevista semiestruturada como técnica para a coleta de dados. Essa técnica, ao nosso ver, permite recolher depoimentos dos anciãos *Mancanhas*, homens e mulheres, nas *tabankas* de Có e Bula, em Bissau, além de possibilitar a visita ao Senegal, especificamente em *Ziguinchor*, para conhecer os *Mancanhas* que vivem lá.

Além dessa técnica, a observação participante nos permitiu observar atentamente os locais de realização do *Toka-tchur* e do ritual de *katchassa* de *nguran*, realizados em Có no mês de outubro de 2023. No entanto, alguns desses rituais podem ser realizados com frequência ao longo do ano e são, também, pré-requisitos para a execução do *Toka-tchur*.

Do ponto de vista metodológico, adotamos o método etnográfico, que, para nós, considerando o tipo de pesquisa e a perspectiva desenvolvida neste trabalho, permitiu uma maior aproximação com os sujeitos pesquisados. De acordo com Dantas (2016), o método etnográfico abrange uma dimensão sociocultural mais ampla nos fenômenos estudados, caracterizando-se por uma atividade minuciosa e reflexiva de observação e descrição no campo de pesquisa. No nosso caso, na Guiné-Bissau, esse método foi de capital importância. Ele nos permitiu desenvolver uma pesquisa qualitativa, uma vez que a participação etnográfica ocorreu diretamente no campo. Segundo Yin (2001), o estudo de caso possibilita uma investigação significativa, descrevendo mudanças no campo decorrentes do presente e do passado, e sua veracidade em relação às transformações no país, nas comunidades (*tabankas*) e dentro da própria etnia. O levantamento de dados levou à fase descritiva, realizando uma investigação exploratória para obter resultados. Isso requer normas e critérios para a escolha dos sujeitos e a forma de nomeá-los ao longo do trabalho.

Optamos por manter o anonimato de alguns interlocutores, uma decisão própria, considerando que o estudo é transversal e lida tanto com questões do mundo dos vivos quanto daqueles que habitam o "*mundo da verdade*"⁴. Levando em conta as diferentes participações de entidades sacras ou sagradas, preferimos anonimizar alguns nomes, identificando-os como interlocutor 1, 2 ou 3, e assim por diante.

⁴ A concepção *Mancanha*, quando morremos todos vão para o mundo da verdade. Não há diferença se inferno e glória como acontece nas outras concepções como as religiosas, mas, esse mundo de verdade é o lugar de quem partiu deste mundo.

Além disso, ao longo do texto, utilizaremos palavras escritas de acordo com a grafia nacional guineense ou da grafia *Mancanha* para descrever nomes de rituais, *tabankas*, plantas e outros elementos.

Do ponto de vista do marco teórico para nossa pesquisa, adotamos uma abordagem fundamentada na perspectiva interdisciplinar. A interdisciplinaridade, entendida como um campo que nos permite dialogar com outros saberes, não se limita a uma proposta multidisciplinar; ela também abre a possibilidade de integrar diferentes áreas do conhecimento. Nesse sentido, diversos autores constituem a base teórica para nossa discussão, como Macamo (2012), Tonet (2013), Dantas (2016), Montysuma e Moser (2015), Japiassu (1976), Lopes (1999) e Amselle e M'bokolo (2017).

A escolha desses autores para nossa pesquisa se deve às suas análises em relação aos estudos interdisciplinares e às conexões que fazem com outras disciplinas, formando, assim, um conteúdo verdadeiramente interdisciplinar, como explicam Marcos Montysuma e Gisele Palma Moser (2015).

Ao discutir os problemas contemporâneos, a perspectiva interdisciplinar se coloca como uma possibilidade de pesquisa que propõe um diálogo entre diferentes disciplinas, evidenciando as divergências existentes e encontrando pontes e ressonâncias entre as mesmas (Montysuma e Moser, 2015, p. 4).

Outra preocupação recorrente nos estudos africanos refere-se ao enfoque em disciplinas isoladas na análise de diversos acontecimentos no continente africano, como, por exemplo, questões socioculturais, econômicas, políticas, filosóficas, entre outras. Muitas vezes, esses fenômenos exigem uma abordagem interdisciplinar. Nesse sentido, o escritor moçambicano Elísio Macamo (2012) argumenta que,

Na verdade, o desafio interdisciplinar vem justamente da necessidade que muitos de nós – que nos identificamos como acadêmicos africanos – temos de questionar o sentido da própria noção de conhecimento, questionamento esse que, ao mesmo tempo, exprime aquilo que, e como, se deve questionar (Macamo, 2012, p.70).

Uma pesquisa interdisciplinar não se justifica apenas por questões de métodos de estudo, mas também por aspectos técnicos e didáticos, e, principalmente, por razões no plano material histórico-cultural e no plano epistemológico, como afirma Gaudêncio Frigotto (2011). Temos ciência de que é necessária uma análise cuidadosa de certos conceitos africanos, e é a partir desse entendimento que os estudos interdisciplinares se concentram tanto na compreensão teórica do termo guineense *Toka-tchur* quanto na prática cotidiana do termo na Guiné-Bissau. Nessa perspectiva, o fazer interdisciplinar se torna um elemento central na busca, análise e interpretação do termo e dos marcos conceituais da etnia *Mancanha*.

No que se refere à perspectiva antropológica, que aqui serve como ponte ou auxílio para nosso estudo, nossa pesquisa se orienta pelos textos de autores como Mamadu Jao (1995), Benzinho e Rosa (2022), Jesus (2018), Té (2021), e Poutignat e Streiff-Fenart (1998). As análises desses autores trazem perspectivas que dialogam com questões de ancestralidade e com a visão de como entendemos nosso mundo e o mundo dos 'mortos', oferecendo importantes relatos que irão fundamentar nossa pesquisa sobre o *Toka-tchur* na etnia *Mancanha* da Guiné-Bissau.

1.1.PROBLEMA DA PESQUISA

Nesta perspectiva, é possível traçar linhas que nos levam a conhecer as práticas, vivências e relações socioculturais dos *Mancanhas*⁵ na Guiné-Bissau, especialmente no que diz respeito à vida pós-morte. Essas questões levantam indagações que precisam ser respondidas em campo, tais como: qual o significado do *Toka-tchur* para a etnia *Brame* da Guiné-Bissau? Que relação eles estabelecem entre o nosso mundo e o mundo dos ancestrais, ou 'mundo de verdade'? Certamente, essas questões são motivo de manifestações significativas, pois, para o povo *Mancanha*, o mundo dos ancestrais, ou seja, o mundo pós-morte, é uma continuação da vida na Terra em outro plano. Acredita-se que a vida continua mesmo após a morte.

Durante algumas conversas com anciões em Cói, na segunda visita, eles descreveram que 'às vezes, quando nasce um bebê, acredita-se que a pessoa falecida se reencarna naquele recém-nascido, devido a certas características e semelhanças com o falecido' (Anciões, 15/09/2023). A questão da morte e da vida pós-morte é fundamental para a pesquisa, pois é crucial compreender como essa relação é central para discutir o objeto de estudo na etnia *Mancanha*. A morte é vista apenas como uma mudança de vida, uma troca de lugar, o que é completamente diferente da compreensão que tenho da morte no meu país.

Também é importante analisar como essa concepção da morte tem sido influenciada nos dias de hoje pela própria civilização humana, principalmente quando consideramos a perspectiva ocidental dentro da cultura africana. Isso se tornou complicado, pois mesmo as pessoas que vivem em Bissau já possuem uma concepção diferente daquelas que vivem em Cói, Bula ou Ziguinchor, no Senegal, sobre como se entende a vida aqui e no pós-morte.

⁵ A partir de agora vamos adotar só o nome *Mancanha*, já que a etnia responde pelos dois nomes. Para nós e também pelas conversas que tivemos com os anciões os dois nomes são da etnia, por isso, pode-se escolher um nome.

Hoje, as pessoas em Bissau são mais liberais, e muitas vezes isso provoca um choque de interpretação da própria identidade cultural entre os *Mancanhas* de Bissau e os do interior do país.

No interior, as explicações são geralmente fornecidas por pessoas que, muitas vezes, não têm um nível formal de escolaridade, mas são extremamente inteligentes em termos de conhecimento da realidade cultural dos *Mancanhas*. Essas pessoas explicam tudo o que aprenderam com os mais velhos, conhecimento que foi transmitido de geração em geração por meio da oralidade e do visual, e que eles tentam preservar como parte da riqueza da tradição. Para Amadou Hampâté Bâ, 'a escrita é uma coisa, e o saber, outra. A escrita é a fotografia do saber, mas não o saber em si. O saber é uma luz que existe no homem' (Hampâté Bâ, 2010). Daí a importância desses sábios nas *tabankas*⁶ dos *Mancanhas*, dado o conhecimento que possuem da tradição.

A comunicação através da oralidade, transmitida por meio da palavra e gestos, é fundamental para a preservação dos saberes entre os *Mancanhas*. Para Amadou Hampâté Bâ, o conceito de oralidade é a 'memória viva da África' (Hampâté Bâ, 2010). A escritora guineense Maria Odete Semedo afirma que 'hoje, é em crioulo que também se leem poemas de autores modernos, contos da oratura guineense, e é em crioulo que ainda se podem escutar canções que denunciam problemas sociais e políticos que afetam a população' (Semedo, 2010). Entre as línguas étnicas, há uma sacralidade imensa, assim como no crioulo. Tanto o crioulo quanto as línguas étnicas existentes na Guiné-Bissau utilizam a oralidade como forma de comunicação, ensino, preservação e divulgação dos saberes antigos, que incluem História, Física, Geografia, Astrologia, etc.

Para nós, pesquisadores, esses dois olhares – o dos *Mancanhas* de Bissau e o do interior – são importantes para desenvolvermos um posicionamento e questionamentos, como por exemplo: por que isso aconteceu? Quais são os elementos que provocam essas mudanças de opinião sobre determinado aspecto cultural dentro da etnia?

Na perspectiva de entender a concepção da realidade dos *Mancanhas* nos tempos atuais, é importante considerar as influências que moldam uma versão da identidade em Bissau e outra versão no interior sobre um determinado assunto.

⁶ Passaremos a utilizar o termo *tabanka* com grafia guineense, pois isso representa e tem um significado entre os *Mancanhas* e entre os próprios guineenses.

1.2.ESCOLHA DO TEMA DE PESQUISA

Antes de escolher este tema, meu interesse de estudo estava voltado para a prática educacional. Por isso, na minha primeira graduação em Pedagogia, desenvolvi um trabalho de conclusão de curso sobre *O Lúdico no Processo de Ensino e Aprendizagem da Criança*. Da mesma forma, no bacharelado em Humanidades, trabalhei a temática do *Letramento Digital de Professores(as) do Maciço de Baturité em Tempos de Pandemia (2019-2021)*, e, na especialização, abordei o *Letramento Virtual em Tempos de Pandemia*". Já durante a licenciatura em História, ainda em andamento, passei a conviver mais de perto com guineenses nas salas de aula, especialmente nas disciplinas de *História e Historiografia da África*, além de outras voltadas aos estudos africanos, como *África e a Dominação Ocidental*. Essas disciplinas, ministradas por professores que me ofereceram um vasto conhecimento, abriram um novo desafio: pesquisar as culturas da Guiné-Bissau.

Ao iniciar minha carreira como profissional e docente na educação infantil e no ensino fundamental I, percebi que os livros didáticos continham poucos conteúdos sobre o continente africano, sendo abordado apenas em datas como o Dia da Consciência Negra ou o Dia da Independência do Brasil. Isso se dá pelo fato de que a história do Brasil está intimamente ligada à história dos negros trazidos do continente africano, que constituem parte fundamental da formação do país. Quando ingressei na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), tive meus primeiros contatos com textos e professores que discutiam a práxis interdisciplinar nos espaços culturais e de vivência, ampliando minha visão sobre a população africana, em particular os guineenses.

Minha busca como estudante do curso de História e como pesquisadora, naquele momento, envolvia a tentativa de fazer uma conexão entre a interdisciplinaridade e essa nova trajetória de dar atenção especial aos estudos africanos, conhecendo mais profundamente a cultura dos guineenses *Mancanha*. O tema desta dissertação surgiu, portanto, da interação com estudantes internacionais guineenses da etnia *Mancanha*, em debates temáticos e eventos culturais entre estudantes e comunidades. Nessas ocasiões, eles descreviam como tudo acontecia nos países do continente africano, em especial na Guiné-Bissau, entre várias etnias.

Nas apresentações culturais, nas aulas e nos espaços de lazer entre Redenção e Acarape, pude perceber, durante as festividades realizadas na própria universidade, que a música, a dança e muitas outras práticas culturais demonstram o orgulho que esses estudantes têm por seus costumes e valores trazidos para o Brasil. Eles enriquecem e mostram que os países africanos têm suas particularidades, sem esquecerem de suas raízes, mesmo após anos morando em outro

país. A essência de sua terra natal não se desmembra de suas rotinas. Exemplos disso são os festivais culturais que trazem debates e danças de diversos países da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), realizados na UNILAB. Esses eventos fazem uma correlação com as diversas etnias e suas práticas culturais, como desfiles que mostram acessórios e tradições, além de oficinas de dança, montagem de turbantes, tranças e ensino da língua crioula. Essas são algumas das atividades que trazem a África para o seio brasileiro, sendo bastante procuradas por estudantes brasileiros da UNILAB e por membros das comunidades do Maciço de Baturité.

Palestras e movimentos internos despertam curiosidade e, muitas vezes, levam à descoberta da própria identidade, com a aceitação de ser negro e de características físicas que antes eram invisibilizadas, como a cor da pele, o cabelo afro, a boca e o nariz, características que provocam a busca por suas ancestralidades. Segundo Stuart Hall (2006), a identidade é um processo diário de descobertas, onde nossas ações são influenciadas para dar significado e sentido à história humana.

A UNILAB tem como propósito estimular toda a comunidade acadêmica – professores, alunos e demais funcionários – a debater conceitos de raça, cultura, religião e outros temas. As músicas e a gastronomia presentes nas semanas universitárias ou nas festividades guineenses celebradas na UNILAB, como, por exemplo, 24 de setembro, data da independência da Guiné-Bissau, 8 de março, Dia Internacional da Mulher; 25 de maio, Dia do Continente Africano; 30 de janeiro, Dia da Mulher Guineense, e também as comemorações do dia da independência de cada país que compõe a comunidade acadêmica, o carnaval e muitas outras datas que são integradas ao calendário. Nas festas entre africanos, preparam-se comidas e bebidas à moda guineense, como cachaça com leite, limão, coco, açúcar, sucos com frutas, comida siga, caldo de *tchebén*, caldo de amendoim (*kaldo de mancara*) e *cafriela* à moda *guigui*.

Com o apoio das aulas no Mestrado do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Humanidades, aprimorei meus conhecimentos no contexto dos estudos africanos. As disciplinas *Metodologia da Pesquisa Interdisciplinar em Humanidades*, *Tópicos Especiais em Estudos Africanos II* e *Resistências Africanas no Mundo: um Olhar Cultural para as Historiografias Africanas* e da *Díáspora* foram essenciais. As discussões nessas disciplinas, pontuando questões interdisciplinares, também contribuíram para meu interesse pelo tema.

Meu interesse foi se aprimorando durante as conversas com os estudantes da Guiné-Bissau, com quem tinha uma aproximação maior devido às disciplinas em que estava matriculada. Havia um número significativo de guineenses, e as conversas nos corredores e nos restaurantes universitários (RUs) tornaram-se oportunidades para observar e iniciar uma série de perguntas curiosas sobre este país africano. Com o apoio de palestras, seminários, aulas,

conferências e outras atividades acadêmicas, fui impulsionada a continuar com a ideia, já que as pesquisas sobre essa temática eram, e continuam a ser, escassas (pesquisas sobre o *Toka-tchur*). Muitos pesquisadores desistem de estudar os grupos étnicos da Guiné-Bissau devido à falta de fontes disponíveis em sites e até mesmo no próprio país, nos centros de pesquisa. Minha maior motivação não veio apenas do envolvimento com estudantes estrangeiros de países como Cabo Verde, Moçambique, Angola, São Tomé e Príncipe, Timor-Leste e Guiné-Bissau, que integram esta universidade, mas também do fato de eu ser esposa de um guineense da etnia *Mancanha*, o professor Adilson Victor Oliveira. Ele foi minha maior inspiração, aprofundando meu desejo de conhecer a cultura de meu companheiro, que participou ativamente desta pesquisa desde o início até o fim, sendo o intermediário para que as entrevistas e visitas aos locais pudessem ser realizadas. Nesse sentido, utilizamos os rituais pós-morte, com foco principal no ritual *Toka-tchur*, como referência para compreender a cultura *Mancanha*.

Meu esposo sempre torceu por mim, me encorajando para que esta pesquisa fosse concluída com sucesso. No Brasil, enfrentei muitas dificuldades na escrita, pois as leituras e entendimentos voltados aos estudos algumas vezes surgiam de forma errônea. Ao chegar ao campo e conhecer as realidades locais em termos culturais, sociais, religiosos e políticos do povo *Mancanha*, fui capaz de esclarecer inúmeras dúvidas dentro da cultura e das práticas que são o objeto desta dissertação.

Nas *tabankas* de Cói e Bula, sempre fui bem acolhida. Não me apropriei da cultura, mas busquei conhecer, aprender e conviver com a cultura do povo guineense *Mancanha*, com o propósito de investigar e repassar os saberes adquiridos através da escrita.

O trabalho ganhou vida ao longo da pesquisa em campo, percebendo-se que, na cultura *Mancanha*, não há como tratar do *Toka-tchur* sem antes abordar outras práticas culturais (rituais) que o antecedem. Dessa forma, é necessário descrever a formação do homem *Mancanha* em termos culturais, religiosos e socioculturais, permitindo que eu amplie minha visão de uma perspectiva exógena para uma perspectiva endógena.

Diante desses fatos, me senti motivada a pesquisar essa temática como uma forma de conhecer a etnia *Mancanha* e, ao mesmo tempo, contribuir com novas pesquisas nas áreas das ciências humanas e sociais. Estudar esse tema é um privilégio para mim e para os colegas com quem conversei, que informaram que há poucas referências em relação aos estudos da etnia *Mancanha* na Guiné-Bissau.

Tornando-me uma pesquisadora internacional, busco contribuir para o campo histórico, realizando investigações na etnia *Mancanha* que possam servir como fontes históricas e se tornar

um trabalho referencial. Realizamos pesquisas bibliográficas e concluímos que há uma escassez de trabalhos publicados na área do objeto desta dissertação, especialmente sobre suas práticas culturais e rituais. Isso constituirá um marco importante para os estudos interdisciplinares e para os estudos guineenses.

1.3.CONDIÇÕES DA PESQUISA

Dando continuidade à minha linha de pesquisa no mestrado, desenvolvi uma abordagem que combina um olhar endógeno, por estar na África, especificamente na Guiné-Bissau, onde realizo minha pesquisa, com um olhar exógeno, por ser estrangeira e ainda observar a realidade com uma perspectiva externa. Diante disso, concluí que minha pesquisa deveria ser conduzida com extrema cautela, respeitando todas as limitações e considerando os possíveis riscos emocionais para os interlocutores, como a evocação de memórias dolorosas. Por essa razão, fiz questão de enfatizar essas preocupações no termo de compromisso.

No entanto, ao longo das conversas, não observei nenhum risco significativo para os interlocutores; pelo contrário, sempre obtive resultados positivos e senti a satisfação dos mais velhos ao compartilharem suas vivências, além de perceber o interesse deles em continuar contribuindo para a pesquisa.

Minha investigação seguiu uma linha histórica que abrange tanto as gerações antigas quanto as novas dos *Mancanha*, motivada pela minha curiosidade em conhecer a cultura de forma detalhada. Acredito que estar na Guiné-Bissau para realizar essa pesquisa, considerando todas as possibilidades de compreender os rituais relacionados à vida, à morte e ao pós-morte entre os *Mancanha*, foi fundamental para o sucesso do estudo.

Nesse sentido, posso afirmar que as condições de pesquisa na Guiné-Bissau superaram minhas expectativas. Antes de viajar, eu me preocupava com as dificuldades que enfrentaria, como a barreira linguística e o primeiro contato com pessoas distantes do meu ambiente familiar. Além disso, a ideia de deixar o Brasil, especificamente Redenção, uma cidade da qual nunca havia saído antes, me causava apreensão. Sabia que enfrentaria uma nova realidade, especialmente no campo de pesquisa, onde teria contato com anciões, tanto homens quanto mulheres, além de jovens, participaria de tradições e rituais em sequência. Contudo, encontrei apoio inestimável em meu esposo, o Professor Adilson Victor Oliveira, que também estava envolvido em sua própria pesquisa doutoral na Guiné-Bissau.

1.4.PORQUE ESTUDAR DE FORMA INVESTIGATIVA A ETNIA MANCANHA?

O estudo da etnia *Mancanha*, em relação ao conjunto das etnias existentes na Guiné-Bissau, surgiu dos meus contatos com guineenses dessa etnia. A maioria dos grupos étnicos realizam o ritual íntimo pós-morte chamado *Toka-tchur*, que possui uma sacralidade cultural e ancestral e dialoga não apenas com a antropologia, mas também, de maneira especial, com a história.

Durante a elaboração do projeto, os conhecimentos adquiridos sobre o termo *Toka-tchur* expandiram meu campo de estudo, aumentando meu interesse pelo tema. Literalmente, *Toka-tchur* significa "tocar" ou "mexer" no cadáver, que pode ser de um parente ou um familiar de outra pessoa. Antes de viajar para a Guiné-Bissau, eu acreditava que o termo se referia simplesmente ao ato de tocar em cadáveres. No entanto, ao chegar ao campo, os anciões esclareceram que minha compreensão inicial não coincidia com o significado que eles atribuem ao termo.

A Guiné-Bissau é um país onde a aquisição de dados para pesquisas é limitada. Segundo relatos, o acesso à maioria das informações se dá por meio da compra de dados. Contudo, no campo, eu consegui obter informações difíceis e sigilosas, graças aos meus intermediários, que fazem parte do núcleo familiar na Guiné-Bissau. Entre eles, estão meu esposo Adilson Victor, meu cunhado Batista Martins e meus tios Armando Mango e Nancassa, que facilitaram essa conexão crucial entre entrevistador e entrevistados.

Estudar ou investigar a etnia *Mancanha* da forma como eu fiz foi um grande desafio, mas enfrentar esses obstáculos faz parte do processo de pesquisa e é essencial para gerar novas contribuições no campo científico.

As visitas às aldeias/*tabankas*, onde estão localizadas as residências dos *réculos*, e ao cemitério da cidade de Có, cercado por plantas com grandes troncos, como poilão, cabaceira, palmeiras e mangueiras, aumentaram ainda mais o meu interesse em prosseguir com os estudos.

1.5.PROBLEMA DA PESQUISA E REFERENCIAL TEÓRICOS

Do ponto de vista dos estudos interdisciplinares, que ampliam as bases de discussão com outros campos científicos, é possível selecionar autores que abordam a África e sua cultura de forma ampla, caracterizando o povo guineense. Assim, esta dissertação tem como foco compreender o significado do *Toka-tchur* para a etnia *brame* na Guiné-Bissau. Para isso, serão

utilizados autores como Carlos Lopes (1999), PAIGC (1974) e Hampâté Bâ (1981). Em relação aos *Mancanhas*, Carlos Lopes (1999) afirma,

Os brames constituem um dos melhores exemplos da utilização da etnicidade pela administração colonial, que conseguiu classificar os seus povos sob diferentes etnónimos, atribuindo-lhes particularidades artificiais que eles acabaram por aceitar como verdadeiras. A sua língua tem basicamente a mesma estrutura e o mesmo suporte lexical, mas apresenta atualmente algumas divergências (Lopes, 1999).

Lopes (1999) aborda características como a língua dos *Mancanhas*, apontando algumas mudanças ou diferenças nas palavras. No entanto, essas pequenas alterações não afetam a compreensão entre os *Mancanhas* de Có e os de Bula. O PAIGC (1974) explica que os *Mancanhas*, juntamente com outras etnias como os *Papeis* e os *Manjacos*, encontram-se organizados numa sociedade mais hierarquizada, provavelmente herança da organização estabelecida pelos *Mandingas* (PAIGC, 1974). A compreensão das dezenas de etnias na Guiné-Bissau muitas vezes se baseia em registros coloniais, como o Boletim Cultural da Guiné Portuguesa (BCGP). Entre 1946 e 1973, o Boletim publicou cerca de 110 números regulares, além de edições excepcionais, de acordo com suas políticas internas. É importante ressaltar que, durante os 28 anos de funcionamento, as publicações do Boletim Cultural abrangeram diversas informações sobre a atuação dos diferentes autores do projeto colonial português na Guiné Portuguesa. Após a independência da Guiné-Bissau, o Boletim Cultural continuou a ser publicado, mas sob uma nova forma, integrando-se ao Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas da Guiné-Bissau (INEP), que foi criado posteriormente (Oliveira, 2021).

Nos últimos anos, muitos brasileiros têm desenvolvido pesquisas na Guiné-Bissau, e o número de estudos tem aumentado. Assim, esta dissertação de mestrado visa compreender, de forma específica: como os *Mancanhas* lidam com as questões relacionadas aos ancestrais; analisar a organização social dos *Mancanhas* de Có e Bula; e identificar os signos étnicos utilizados para comunicar-se com os ancestrais. A partir dessas questões, pretendo encontrar respostas precisas.

Durante o campo de pesquisa, obtivemos uma visão mais aprofundada e novos conhecimentos, que se desviaram do que eu acreditava anteriormente. As entrevistas com os interlocutores no campo proporcionaram uma compreensão mais clara e diferenciada sobre o assunto. Um dos meus interlocutores, que me orientou no campo, afirmou:

As dificuldades encontradas não apenas na língua, mas também no momento de transcrever palavras na língua étnica Mancanha para português, algumas palavras não são possíveis de traduzir por não existir no crioulo e nem no português, só é possível ouvir som e escrever do jeito que ouviu (Armando Mango, 2023).

A partir deste contexto, foi possível aprender algumas nuances fonéticas da língua *Mancanha* através das gravações, o que permitiu praticar sua pronúncia. Quem não fala *Mancanha* terá dificuldades em pronunciar corretamente. Dessa forma, podemos afirmar que este trabalho possui relevância acadêmica e social, pois busca examinar as estruturas sociais que moldam a experiência da etnia *Mancanha*, bem como as interações entre a língua crioula e o português.

1.6.PERFIL DOS INTERLOCUTORES

A escolha dos interlocutores foi realizada da seguinte forma: inicialmente, fiz uma observação em campo como ouvinte e participante. Em seguida, selecionei os interlocutores, que incluíram os mais velhos das *tabankas*, jornalistas, *régulos*, anciãos, tocadores de *Bombolons*, jovens e também residentes da cidade de Bissau. Ao todo, foram escolhidos 10 interlocutores, entre homens e mulheres, com idades variando de 25 a 80 anos. Além disso, participei dos *Djumbais* (rodas de conversas) com acadêmicos e jovens *Mancanhas*, e na família onde fui acolhida, todos eram *Mancanhas*, mas apenas os mais velhos falavam a língua perfeitamente. O terceiro passo foi a coleta de dados e questões discutidas com os interlocutores.

Durante a pesquisa em campo, enfrentei dificuldades devido ao desconhecimento das línguas locais, como o *Mancanha* e o Criolo. Apesar de entender um pouco de Criolo, estive acompanhada por três interlocutores da etnia *Mancanha*, que ajudaram com as traduções. No entanto, para uma melhor interação, algumas pessoas falavam em português, o que me permitiu expressar-me com mais clareza. Minha viagem à Guiné-Bissau coincidiu com um período em que várias cerimônias estavam programadas. Tive o privilégio de participar da observação de todas, desde o *choro*, a primeira cerimônia, até o *Toka-tchur*, o último ritual pós-morte.

Algumas cerimônias que presenciei não puderam ser registradas em fotos ou vídeos devido a diversos fatores.

- *Choro* (Luto): Momento de dor pela perda de um pai (*papê*), mãe (*mamê*) ou ente querido.
- *Diongago*: Descoberta do motivo da morte, o que pode causar dor, desespero ou até mesmo revolta entre os familiares.
- *Ylsa Steira*: Momento de despedida do falecido. Acredita-se que, ao morrer, a pessoa ainda repousa em casa; após essa cerimônia, sua alma é liberada da casa.

Como pesquisadora, respeitei os limites da investigação e reconheci que é impossível estar em locais de dor e perda sem sentir solidariedade. Observei e participei com sinceras condolências aos familiares, já que os falecidos eram membros da família onde residi em Guiné-Bissau.

1.7.LOCALIZAÇÃO DE ESPAÇOS DE OBSERVAÇÃO E DE PARTICIPAÇÃO

A pesquisa de campo nas *tabankas* de Có e Bula foi bem-sucedida, com uma recepção calorosa por parte dos residentes com quem tive contato. Durante o trabalho de campo, contei com a intervenção de várias pessoas. Os rituais observados na *tabanka* de Có foram realizados pela família *Djorson* de *Dappá*. Para participar dos rituais, de acordo com a cultura local, é necessário cumprir certos requisitos para estar apto a comer a comida sagrada. Obtive permissão dos presentes, pois nem todas as pessoas têm o direito de comer, especialmente sendo uma estrangeira. Dessa forma, senti-me lisonjeada por ter sido incluída no grupo.

Não enfrentei nenhum tipo de impedimento por parte da comunidade; todos contribuíram de maneira significativa e proveitosa para a realização da pesquisa no local. O andamento da pesquisa foi natural. Inicialmente, participei como ouvinte; posteriormente, fui convidada a participar ativamente das cerimônias, incluindo o consumo da comida sagrada dos *Mancanhas* durante o ritual do *Nguram*. Essa foi uma experiência inédita para mim. O contato direto com as pessoas revelou a alegria e satisfação em ver uma estrangeira brasileira com vestimentas e cabelos trançados participando da cultura local. Senti-me integrada ao ambiente, a ponto de descrever a experiência como um sentimento de estar em casa, um termo que uso para expressar o elo especial que estabeleci no campo

1.8.BIBLIOGRÁFICOS

No período de agosto, após minha chegada, visitei e conversei com historiadores, antropólogos, investigadores e cientistas que trabalham no Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas da Guiné-Bissau (INEP). Obtive acesso a uma vasta quantidade de materiais, incluindo livros e artigos, todos produzidos pelos pesquisadores do INEP. Este instituto é uma referência importante para muitos pesquisadores que desenvolvem trabalhos na área de estudo étnico-racial, pois possui memórias da Guiné-Bissau, livros antigos e grandes relíquias que enriquecem a história do país.

Recebi um convite para apresentar meu trabalho no INEP, o que me deixou honrada, especialmente por despertar o interesse dos historiadores e investigadores locais. No entanto, devido aos problemas políticos no país, não consegui realizar a apresentação. A apresentação seria relevante, pois não há uma investigação minuciosa sobre o tema do *Toka-tchur* dos *Mancanhas* dentro do instituto. No INEP, com o apoio para a construção da dissertação, recebi recomendações de outros pesquisadores para visitar os sites do Boletim Cultural da Guiné Portuguesa (BCGP), da revista *Soronda* da Guiné-Bissau, da Casa Comum e do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa da Guiné-Bissau.

1.9. ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

O trabalho está estruturado em seções e subseções de acordo com nossas escolhas. A princípio, apresentamos a introdução, as motivações principais e o que será trabalhado na dissertação, no primeiro capítulo abordamos os procedimentos metodológicos da pesquisa, detalha as problemáticas e as condições da pesquisa, descreve o perfil dos interlocutores selecionados e a localização dos espaços de observação e participação. Além disso, faz uma reflexão sobre a diferença entre a teoria e a realidade observada em campo na Guiné-Bissau, analisando a mudança de estereótipos e materializando um duplo olhar exógeno e endógeno sobre a cultura e a vivência entre etnias na Guiné-Bissau.

No segundo capítulo, discutimos as etnias guineenses e seus inter- relacionamentos em termos socioculturais. Apresentamos uma abordagem histórica da Guiné-Bissau, aprofundando a temática dos aspectos socioculturais entre os guineenses, incluindo a diversidade étnica, seus usos, costumes e religiosidade entre as etnias.

O terceiro capítulo é dedicado à organização social e cultural dos *Mancanhas* de Cói e Bula. Descrevemos as histórias e o povoamento dos *Mancanhas* nas *tabankas* de Cói e Bula, onde a pesquisa foi realizada. Também abordamos as manifestações culturais dos *Mancanhas*, como a dança, o *Katchassa* (comida), o *Régulo*, o *Nansugha(ã)*, a lavoura, a horticultura e a criação de gado.

No quarto capítulo, tratamos da descrição dos signos utilizados para a comunicação com a ancestralidade, destacando os símbolos e práticas associadas.

O quinto capítulo expõe o foco central da dissertação, que são as manifestações do luto e os primeiros ritos pós-morte. A análise inclui detalhes minuciosos dos rituais *Nguram*, *Katchassa* (comida), *ram*, *Bidjimpal*, *Kadjim* e *Pumaram putal*. Também discutimos os

procedimentos e as regalias dos funerais dos régulos das *tabankas* citadas acima. Seguimos com o debate sobre a transição da vida terrena para a vida pós-morte, a ligação entre o mundo dos vivos e o dos “mortos” e, finalmente, abordamos o último ritual, que é o objeto desta pesquisa: o ritual de *Toka-tchur*, como transição e comunicação com os ancestrais, com descrições autênticas que enfatizam a originalidade do trabalho.

Nas considerações finais apresentamos as conclusões da pesquisa e nossas reflexões sobre as leituras bibliográficas e os trabalhos de campo, tanto na observação quanto na participação.

2. ETNIAS GUINEENSES E SEUS INTER RELACIONAMENTO EM TERMOS SOCIOCULTURAIS

Neste capítulo, abordaremos o relacionamento entre as etnias na Guiné- Bissau, descrevendo o país e seus aspectos socioculturais, incluindo a diversidade étnica, os usos, os costumes e as religiões praticadas pelos guineenses. Também discutiremos como esses aspectos envolvem a política e a identidade cultural.

2.1.GUINÉ- BISSAU, UM PAÍS DA COSTA AFRICANA.

A Guiné-Bissau tem duas estações do ano: a estação chuvosa, que começa em 16 de maio e termina em 15 de novembro, e a estação seca, que vai de 15 de novembro a 15 de maio. O clima é tropical, com temperaturas médias em torno de 20°C. (Oliveira, 2020).

O hino nacional da Guiné-Bissau, tanto em sua letra quanto em sua melodia, expressa o orgulho do povo pelas diversas lutas vencidas. Amílcar Cabral, o pai da nação, liderou os combatentes durante a luta pela independência, que começou em 1963 e culminou com a sua morte em 20 de janeiro de 1973. Ele foi assassinado ainda no secretariado do movimento na Guiné-Conacri, país vizinho que abrigou a sede do movimento. Sete meses após seu assassinato, os combatentes proclamaram unilateralmente a independência da Guiné-Bissau. A Guiné-Bissau possui um grande número de ilhas e atrai muitos turistas, especialmente para as regiões onde essas ilhas estão localizadas.

2.2.ASPECTOS SOCIOCULTURAIS ENTRE OS GUINEENSES *MANCANHAS*

O pertencimento étnico e cultural na Guiné-Bissau não se define apenas pelo grupo étnico, mas também pelos vários antepassados que unem esses grupos, formando assim o conceito de povo.

Quando abordamos o termo *ser negro* e *ser africano*, surgem questões complexas. Hoje, pensamos e estudamos para que a dor e a tristeza não sejam esquecidas, mas que a luta pela reafricanização do país seja valorizada, a partir de uma perspectiva de superação e de afirmação no lugar de fala como sujeitos. Recentemente, os discursos sobre relações étnico-raciais têm se diversificado, abordando questões de identidade, cultura, religião, política e aspectos sociais. Esses conceitos são debatidos em um contexto globalizado, levando à interiorização e integração dos continentes.

Em cada região, diversos grupos étnicos predominam, apesar das migrações de muitas comunidades para outras áreas. Por exemplo, os *Mancanhas* estão presentes na região de *Cacheu*, especialmente em Cói e Bula. No entanto, também há uma significativa presença na região de Bolama, nas ilhas de Bijagós, e em bairros como Belém, Sintra, Penha, Brá, Aeroporto, Bandim, entre outros, além de no Senegal. As etnias estão espalhadas por toda a Guiné-Bissau.

A comunicação social preocupa-se com a ressocialização em contextos diversos, acompanhando a evolução dos tempos. Neste contexto, Hama (2010) afirma:

A casualidade atua em todas as direções: o passado sobre o presente e o presente sobre o futuro, não apenas pela interpretação dos fatos e o peso dos acontecimentos passados, mas por uma irrupção direta que pode se exercer em todos os sentidos” (Hama, 2010, p.24).

Por isso, é difícil tratar da etnia *Mancanha* devido à falta de registros que descrevam as realidades anteriores. Contudo, o presente momento reflete as consequências das imigrações realizadas no passado, resultando em uma lacuna no aprofundamento dos conhecimentos étnicos.

Atualmente, a nova geração possui conhecimentos diversificados, pois a ressocialização no meio social e nos costumes é diferente. Muitos jovens não dominam as línguas étnicas, o que os distancia de sua própria cultura. Os *Mancanhas* estão espalhados por toda a Guiné-Bissau e também em países vizinhos, como o Senegal. Diversas pessoas têm feito e continuam fazendo essa transição para países e continentes distantes. No entanto, independentemente de onde estejam, continuarão a portar a identidade *Mancanha* de sua origem em Cói ou Bula, embora uma parte dos conceitos culturais possa ser perdida. Fredrik Barth (1998) reforça a ideia de que, ao adotar-se à realidade local, os grupos mantêm suas fronteiras culturais, língua e religião, embora possam incorporar traços de outros grupos étnicos. Por exemplo, quando a etnia *Mancanha* emigra para Portugal ou Brasil, os indivíduos reapropriam-se de seu lugar de pertencimento, perdendo um pouco da língua étnica, como o *Mancanha* e o crioulo, e passando a adotar a língua local. No entanto, há um deslocamento para as cidades de Cói e Bula para a realização dos rituais e cerimônias da cultura.

Que os atributos culturais tidos como a marca distintiva de um grupo possam tornar-se objeto de transformações, de substituições, de reinterpretações não leva por isso a afirmar que a identificação étnica possa ser exercida a partir de ‘qualquer coisa’. Os recursos simbólicos (a língua, o território, a tradição cultural) utilizados para marcar uma oposição significativa entre Nós e Eles podem ser distorcidos ou reinterpretados, mas, de um certo modo, eles ‘já estão lá’ desde sempre e disponíveis para os atores (Barth, 1998, p.165).

As transformações dentro dos grupos étnicos estão constantemente sendo moldadas de acordo com as realidades do século XXI, como a imigração para novos países, incluindo

Senegal, Portugal, Brasil e outros. Com isso, a relação cultural - abrangendo língua, religião, comportamentos, entre outros - e a ênfase na língua, não permitiam a classificação completa de todas as línguas africanas. Somente no início do século XIX foi possível reunir dados suficientes para tentar obter informações mais concretas sobre essas línguas (Gremberg, 2010). Gremberg continua sua afirmação,

A importância das classificações realizadas segundo tais princípios reside principalmente no fato de refletirem a história real da diferenciação étnica dentro do domínio da Língua. Além disso, formam a base necessária à aplicação dos métodos da linguística comparativa, que permite reconstruir grande parte da história linguística de vários grupos. Por fim, esse conhecimento da história linguística fornece a base necessária para inferência acerca da história cultural não- linguística dos grupos em questão (Gremberg, 2010, p.318).

Como forma de resistência, os *Mancanhas* que residem no Senegal falam a língua oficial francesa, a língua cultural OLOF e a língua étnica *Mancanha*. Eles fazem questão de preservar a língua étnica, mesmo estando em outro país. A cultura continua viva, mantendo uma correlação com o lugar de pertencimento e o espaço territorial de vivência. Nesse contexto, Hall (2006) aborda o deslocamento de identidades e como o sujeito atribui diferentes identidades, sustentando que,

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidade que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. [...] A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (Hall, 2006, p.13).

Cada pessoa possui uma visão de mundo diferente, de acordo com a realidade e a vivência local. Contudo, as múltiplas identidades são direcionadas de maneiras diferentes, formando identidades contraditórias que estão constantemente em deslocamento. Hall (2006, p. 13) complementa, “O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades”. O sujeito se projeta dentro das identidades culturais e, ao mesmo tempo, internaliza os significados e valores associados a elas. Esse contraste entre o passado e o presente faz refletir em nosso *Eu* a memória de acontecimentos bons e ruins do passado. Assim, Hampaté Bâ (2010), na obra *Tradição Viva*, traz reflexões sobre a memória africana,

uma das peculiaridades da memória africana é reconstruir o acontecimento ou narrativa registra *em sua totalidade*, tal como um filme que se desenrola do princípio ao fim, e fazê-lo *no presente*. Não se trata de recordar, mas de *trazer ao presente* um

evento passado do qual todos participam, o narrador e a sua audiência (Hampaté Bá, 2010, p. 208).

Partindo desse contexto, ao conceituar o termo "memória", entendemos que a memória é mais do que uma simples reflexão; é uma visão que busca compreender e reconhecer as diferenças entre as culturas. É por isso que o campo interdisciplinar fundamenta este trabalho, dialogando com diversos campos das ciências. Dessa forma, as histórias são preservadas e transmitidas continuamente, através da escuta de vivências e experiências verbalizadas pelos antepassados. Assim, a memória está sempre presente na cultura.

Segundo Joseph Ki-Zerbo (2010), “[...] quem não tem mãe mama na avó, diz um provérbio africano.” Isso significa que, na ausência de fontes escritas, a preservação e reconstrução do passado ocorrem por meio de gestos linguísticos, onde a tradição oral atua como um museu vivo. Pathé Diagne (2010) dialoga com essa ideia expressa acima

O que favoreceu a ligação entre história e linguagem na tradição dos povos da África negra é a concepção que está em geral conservou dos dois fenômenos. Tal concepção identifica, espontaneamente, pensamento e linguagem e encara a história não como uma ciência, mas como um saber, uma arte de viver (Diagne, 2010, p.147).

Interligando esses dois aspectos, a língua é usada como meio de comunicação verbal, enquanto o pensamento é moldado pelo passado e pelo conhecimento acumulado. Nesse contexto, o campo da história intervém, onde as lembranças são contadas e recontadas tanto pela oralidade quanto pela escrita.

O INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa) realiza uma busca por materiais em risco de desaparecimento, restaurando milhares de livros dentro do próprio instituto. Esse trabalho auxilia diversos investigadores de diferentes áreas de formação, que, por meio de pesquisas minuciosas e paciência, obtêm dados científicos essenciais para enriquecer a cultura africana.

2.3.DIVERSIDADES ÉTNICAS NA GUINÉ-BISSAU

Na Guiné-Bissau, existe uma diversidade de grupos étnicos que abrange todo o país, totalizando mais de 20 etnias diferentes. Entre elas, podemos citar os *Mancanha*, *Fula*, *Balanta*, *Bijagós*, *Papeis*, *Mandingas*, *Felupes*, entre outros. Cada etnia possui particularidades em seus costumes, valores, tradições, territorialidade e língua. No entanto, há uma língua comum que interliga a comunidade guineense de forma geral: o crioulo, que se originou durante o período da escravidão (Oliveira; Ossagô, 2024).

Em termos de convivência na Guiné-Bissau, percebemos uma conexão entre o mundo dos vivos e o dos mortos, especialmente nas cerimônias. Por exemplo, há a busca por desvendar mistérios e compreender o significado de certos acontecimentos por meio da comunicação com o mundo ancestral. Isso é evidente em rituais pós- morte, como o *Djongago*, onde perguntas são dirigidas ao mundo ancestral e as respostas são obtidas com precisão. Essa influência também se manifesta nas vestimentas, nos sacrifícios de animais e nos acessórios, todos correlacionados para a realização das cerimônias.

O crioulo, língua nativa surgida na Guiné-Bissau, é uma expressão de resistência contra os colonizadores. Por essa razão, existe uma forte resistência em falar português, que só é usado em situações de extrema necessidade, seja na Guiné- Bissau ou entre guineenses que estão no Brasil. Onde quer que estejam, a comunicação é sempre em crioulo.

A partir dessa perspectiva, cada grupo possui um espaço territorial onde estão localizadas suas *tabankas*, anciões, *régulos*, cemitérios e outros elementos que compõem a formação de uma determinada zona. Contudo, há uma mistura de etnias em todas as áreas da Guiné-Bissau.

Para os guineenses, as perspectivas étnicas têm grande importância nos debates, sendo constantes as expressões de "orgulho" nos diálogos sobre questões étnicas, culturais, políticas e religiosas. Cada etnia tem sua singularidade e realiza cerimônias de formas diferentes. Por exemplo, o *Toka-tchur* e o *Nguran* são cerimônias pós-morte realizadas pela maioria das etnias, cada uma com suas particularidades.

A comunicação ocorre de diferentes formas e por diferentes razões, sempre com a interdisciplinaridade presente. A escritora guineense Maria Odete Semedo afirma em sua tese que “*hoje, é em crioulo que também se lêem poemas de autores modernos, contos da oratura guineense e em crioulo se podem escutar, ainda, canções que denunciam problemas sociais e políticos que afetam a população*” (Semedo, 2010). A cultura e suas práticas rituais estão se globalizando, não apenas nos países do continente africano, mas também em outros países da América e além. A oralidade não atua sozinha; diversos meios complementam essa transmissão. Quadé (2011) reforça as técnicas instrumentais ao dizer

Seriam os instrumentos ou técnicas utilizadas para fazer chegar os sinais da comunicação ao destino- tambores, bombuluns, danças, histórias, contos, literatura oral, provérbios e ditados, arte dramática, teatro, símbolos comunicativos (Quadé, 2021, p.11).

Hoje, podemos refletir que a oralidade não se limita apenas à comunicação verbal, escrita, em áudios ou imagens, mas também se expressa através da musicalidade, onde os instrumentos musicais são grandes aliados na implementação desses signos na sociedade. Esses

instrumentos sempre desempenharam um papel essencial nas práticas culturais, como rituais, cerimônias, casamentos e outros eventos.

Segundo Japiassu, o processo de desintegração do saber se acelera. A ciência unitária explode como um obus. E seus fragmentos continuam a dissociar-se em sua trajetória. É por isso que as ferramentas complementares, como os instrumentos musicais, são fundamentais na realização de práticas cerimoniais, reforçando o inter- relacionamento entre as diferentes etnias guineenses (Japiassu, 1976).

2.4.USOS E COSTUMES ENTRE AS ETNIAS GUINEENSES

Durante o desenvolvimento da pesquisa em campo, a dissertação despertou curiosidade e estranhamento por parte dos guineenses, especialmente em relação a aspectos que muitas vezes são desconhecidos pela juventude e naturalizados, sem que se busque dar ênfase a determinados assuntos.

O termo *tradição inventado*, cunhado por Eric Hobsbawm (2008), é utilizado em várias perspectivas que misturam o fictício e o real, conferindo um duplo sentido institucionalizador.

Tradição inventada entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam incluir certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, auto-maticamente: uma continuidade em relação ao passado[...] O passado histórico no qual a nova tradição é inserida não precisa ser remoto, perdido nas brumas do tempo. Até as revoluções e os ‘movimentos progressistas’, que por definição rompem com o passado, [...] (Hobsbawm, 1997. p. 09-10).

A *tradição* é caracterizada como uma invenção e uma contínua repetição de valores, em que os costumes, enraizados e transmitidos de geração em geração, estabelecem uma correlação entre o passado e o presente. Embora as inovações e evoluções da atualidade tragam pequenas alterações, o significado e o valor desses costumes no seio da etnia permanecem firmes. Esse é o campo interdisciplinar.

O povo considerado cristão (protestante), na maioria das vezes, não acredita nem participa de certas cerimônias, pois as considera contrárias às leis de Deus. No entanto, durante o trabalho de campo, percebi que, mesmo não acreditando, alguns ainda realizam rituais, como o Uram, que envolve a ingestão de comida sagrada para se proteger da morte associada ao ritual. Esses são costumes tradicionais que permanecem imutáveis, apesar das crenças individuais.

Há alguns séculos, o casamento era permitido apenas dentro dos próprios grupos no entanto, esse conceito ideológico já sofreu mudanças, e atualmente casais de etnias diferentes já se unem em matrimônio. Fredrik Barth (1998) aborda essa temática ao afirmar que “a

identidade étnica pode alimentar-se de signos diferentes, acumular vários, ou reter apenas um deles. A oposição Nós/Eles entre dois grupos pode manter-se por meio da mudança dos marcadores da dualidade étnica [...]”. A partir dessa perspectiva, é possível compreender essa dupla identidade, que surge com a variação dos costumes, evidenciada pelo aumento do cruzamento entre etnias. Portanto, os filhos têm ligações tanto pelo lado materno quanto pelo lado paterno; contudo, prevalece a etnia paterna segundo os costumes patriarcais, já que o sobrenome do pai é o que perdura. Em alguns grupos étnicos, porém, o filho pertence à linhagem materna. Hoje, esse conceito é indefinido devido à crescente interação social entre os grupos. Esse conceito de dupla identidade se aplica às etnias, regiões e línguas. Jean-Loup Amselle argumenta que as entidades étnicas na África surgiram principalmente como resultado da intervenção colonial, uma vez que os colonizadores dividiram o continente africano em grupos étnicos que, posteriormente, foram adotados pelas populações locais (Amselle, 2017).

O período colonial exerceu uma grande influência no continente africano. Por exemplo, os países colonizados por portugueses adotaram o português como língua oficial, enquanto os países colonizados pelos franceses adotaram o francês como língua oficial, como é o caso do Senegal, localizado no continente africano e vizinho da Guiné-Bissau.

Segundo Mamadú Jao (1995), “[...] a procura de uma identidade positiva” através dessa base nos leva a acreditar na mudança em determinados grupos. Nesse contexto, Fredrik Barth (1998) afirma que,

O realce da identidade étnica exprime-se, assim, inicialmente através de um rótulo étnico entre outros meios possíveis de identificação das pessoas. É apenas depois de ter selecionado esse rótulo (depois que a etnicidade foi realçada pelo procedimento mesmo de sua seleção) que os comportamentos, as pessoas, os traços culturais que eles designam surgem quase naturalmente como étnicos (Barth, 1998, p.167).

Os usos e costumes estão sendo alterados a partir de novas perspectivas e são atualizados de acordo com as vivências contemporâneas da sociedade, influenciados pela comunicação moderna, o que afeta o comportamento nas etnias. Contudo, vale ressaltar que a cultura e os conhecimentos tradicionais das populações permanecem como preceitos intactos, conforme afirma Gerson Baniwa (2008).

Entendo que não existem ideias, teorias, conhecimentos e valores individualizados dissociados de um determinado tipo civilizacional de visão de mundo e de homem. Os conhecimentos, os valores e as técnicas estão sempre relacionados a uma experiência histórica e cosmológica de civilizações” (Baniwa, 2008, p. 2).

Itânia Flávia, na sua dissertação de mestrado intitulada *Linguagem e Poder: Práticas Discursivas e a Constituição de Identidades Linguísticas no Contexto Escolar* (2016), complementa o pensamento de Gerson Baniwa (2016) ao afirmar que,

Para a aprendizagem torna-se significativa o conhecimento de mundo, saberes constituídos na esfera familiar, devem encontrar sentido na vida e na história desses sujeitos- alunos. Portanto, a aprendizagem deve partir do individual para o geral (Silva, 2016, p.15.).

Esses conhecimentos sobre as práticas rituais dos *Mancanhas* constituem uma riqueza das tradições que remonta a séculos. Tais práticas trazem aspectos importantes para a academia, especialmente para nós, brasileiros, que fazemos parte dessa história africana e, no campo científico, ressaltamos a importância dos costumes e tradições da africanidade.

A comunicação está profundamente associada aos valores culturais e morais que influenciam o comportamento humano. Entre esses valores, destaca-se o panu- di-pinti, que é considerado sagrado e de uso obrigatório em todas as cerimônias, rituais, casamentos, etc. As *mindjeres-garandis*⁷ são obrigatórios oferecer este pano sagrado em nome da família, é sinônimo de responsabilidade, o não oferecimento é sinal de vergonha para família.

Outra característica cultural são as vestimentas, como a *Espera*, um vestido largo que as mulheres usam no cotidiano para ir ao mercado ou à igreja; porém, seu uso é obrigatório nas cerimônias fúnebres, que são o foco do meu trabalho. Tendo como referência a cultura local, também pude atender aos critérios ao usar a vestimenta *Espera*, embora tenha colocado sapatos, o que fez com que alguém me alertasse: “Olha, não se usa sapatos; as pessoas vão rir de você.” Esses são alguns dos pré-requisitos que precisei conhecer e seguir, respeitando as normas já estabelecidas da cultura guineense. As vestimentas, o cabelo trançado e as sandálias são elementos fundamentais da cultura. O orgulho dos guineenses, especialmente dos *Mancanhas* de Có, manifestou-se na admiração que demonstraram ao ver uma estrangeira experimentando sua cultura e ouvindo o som da língua *crioula*.

2.5.AS RELIGIÕES

Após a invasão europeia e a introdução do cristianismo no período colonial, a primeira religião a se estabelecer foi o catolicismo. Junto com os portugueses, vieram padres que então iniciaram o ensino da palavra de Deus. Logo depois, foram construídas escolas na cidade de Có, local onde também estavam instalados os portugueses. Por esse motivo, muitos *Mancanhas* possuem alto nível de escolaridade.

Os estudos das religiões africanas, em sua organização, têm sido influenciados pelas pesquisas históricas recentes. Guiné-Bissau é um país multi-religioso e conta com diversos grupos religiosos, como o Catolicismo, Protestantismo, Islamismo e as Religiões Tradicionais Africanas (RTA). Esses grupos refletem um conhecimento de identidade própria em um território diverso e em constante mutação. Na etnia *Mancanha*, as religiões também se encontram misturadas, em grande parte devido aos casamentos entre diferentes etnias. Contudo, as religiões que predominam dentro da etnia *Mancanha* são as RTA, o catolicismo e, em menor grau, o protestantismo. Não se pode descartar que há também uma pequena parcela de muçulmanos dentro da etnia.

Nas demais etnias, essa mestiçagem religiosa também existe pelo mesmo motivo, como afirma Curtin (2010),

Os primeiros pesquisadores da religião africana eram, em sua maioria, ou antropólogos em busca de um conjunto estático de crenças e práticas, ou missionários que aceitavam o conceito de um presente antropológico ao estudar as religiões que esperavam suplantam (Curtin, 2010. p.47).

A partir dessa concepção, a linguagem histórica, especialmente a tradição oral, é de suma importância para a história da África, sendo muitas vezes a única fonte disponível para algumas temáticas. Como exemplo, posso citar o tema da minha dissertação, no qual existem fontes tanto impressas quanto orais. As religiões e etnias possuem algumas cerimônias em comum, embora com nomes diferentes. Algumas dessas cerimônias são repudiadas pelo catolicismo e pelo cristianismo, especialmente aquelas que envolvem práticas de misticismo. Na etnia *Mancanha*, existem preceitos obrigatórios a serem seguidos nos atos culturais, incluindo vestimentas, instrumentos e comportamentos. A seguir, apresentamos alguns exemplos:

- O *panu-di-pinti*⁸ é sagrado e seu uso é obrigatório em cerimônias fúnebres, *kachassa* e outras ocasiões. O *panu-di-pinti* possui um significado de extrema importância, envolvendo não apenas a cultura, mas também aspectos sentimentais e emocionais.
- O *Kambúmulum* (*bombolom*) é um instrumento sagrado e obrigatório em atos fúnebres, estabelecendo uma conexão entre o mundo dos vivos e o mundo da ancestralidade (o "*mundo de verdade*").

⁷ O que significa em tradução livre-Mulheres mais velhas, dependendo do contexto

⁸ Na etnia *Mancanha* há 3 tipos de *panu-di-pinti*, um com tons coloridos usado para presentear ou abençoar alguém, há outro que é colorido com pequenas aberturas colocadas a cabeça da pessoa, são utilizadas no momento de *Karmussa* no ritual de *Toka-tchur*, e há outro que tem uma sacralidade maior, com tonalidade Preto com Branco, utilizado para luto e momento de *Nguram*.

- As vestes *Espera*⁹ são usadas em cerimônias fúnebres, onde seu uso é obrigatório. Já em casamentos e outras ocasiões, seu uso é opcional.

3. ORGANIZAÇÃO SOCIAL E CULTURAL DOS MANCANHAS DE CÓ E BULA

A organização da população da etnia *Mancanha* acontece de forma hierárquica, com um rei para cada setor, responsável por todas as *tabankas*. Seguem-se os representantes do *régulo* e, subsequente a eles, a população em geral. Culturalmente, seguem-se os parâmetros ensinados de geração em geração, perpetuados pelos mais velhos.

3.1. BREVE HISTÓRIA DOS MANCANHAS DE CÓ E BULA

Nesta seção, descreve-se a estrutura da organização da etnia *Mancanha*, abordando o régulado, a dança, a *kathassa*, a horticultura, o povoamento, entre outros aspectos que compõem esta análise. A cidade de Có está localizada a 47 km de Bissau, enquanto Bula está a 38 km da capital da Guiné-Bissau. A viagem para essas cidades, partindo de Bissau, dura menos de 2 horas.

A *tabanka* da família do meu segundo interlocutor, onde participei e presenciei as cerimônias de *Nguram* e *Toka-tchur*, está situada em Có. É importante salientar que, naquela *tabanka*, o chefe da família pertence à linhagem Dapá, a mesma do último *régulo* que assumiu a liderança.

A história de Có e Bula é descrita na região como lenda ou contos sobre sua origem, sendo frequentemente considerada fictícia e fantástica por diversos pesquisadores e historiadores. Esse contexto desperta o interesse de novos investigadores em buscar informações e características que possam afirmar ou reformular uma nova versão da história dessas duas cidades, que são o foco da investigação científica desta dissertação.

Cito, por exemplo, os escritores Landerset Simões, em sua obra *Babel Negra* (1935), e Mamadú Jao, em *Estratégias de Vivências e de Sobrevivências em Contextos de Crise: Os Mancanhas na Cidade de Bissau* (2015). A partir dessas obras e da investigação de campo,

⁹ *Espera* vestido sagrado, sendo obrigatório para os *Mancanhas* em cerimônias pós- morte e demais visitantes. Nos lugares de cerimoniais tive que me apropriar da cultura em termos especificamente nas vestimentas.

abordamos uma nova versão que busca desconstruir essa mitologia e confirmar a "história real" dessas duas cidades.

A partir de um dos meus interlocutores, João Biaguê, de 68 anos, morador do Bairro Bandim (zona 7), foi realizada uma entrevista gravada em vocabulário na língua étnica *Mancanha*, sendo posteriormente decifrada pelo intérprete Batista Martins Sanca, que relatou o que será descrito na próxima sub-secção.

3.1.1. História das tabankas de Có e Bula¹⁰

As conversas que tivemos com alguns dos anciãos *Mancanhas* nos explicaram as origens de Có e Bula por meio de movimentos migratórios que ocorreram em tempos remotos. Embora não saibam precisar o tempo exato, nos relataram que, por meio da tradição oral *Mancanha*, essa informação foi transmitida até eles,

Os Mancanhas de Có e de Bula são os mesmos, falam a mesma língua, só que Bula, no centro da Bula como não havia espaço, os brames são muitos, uns foram para o norte a procura de local para cultivo e a pastagem da terra de animais, foram até Có. Assim, aqueles que ficaram em Bula queriam saber como estavam os que foram para Có e perguntavam: diga-me, como estão aí? E, em jeito de resposta, respondiam que: estamos aqui em uma zona árdua, rígida a terra, mas juntamos só areia e comemos, ele respondeu, (Anciões, 12 de setembro de 2023).

Outras fontes explicam que os *Mancanhas* vieram do litoral norte do Rio Nilo, no Egito, em busca de locais com melhores condições para a agricultura e a criação de gado. Durante essa migração, passaram por Gana, Costa do Marfim, Guiné- Conacri e Senegal, até chegarem à Guiné-Bissau. Até hoje, há *Mancanhas* nesses países que preservam a mesma cultura e os mesmos costumes dos que vivem na Guiné-Bissau.

Os primeiros *Mancanhas* que chegaram à Guiné-Bissau se estabeleceram no norte do país, especificamente em Bula e Có. Segundo João Biaguê, eles deixaram o litoral norte do Egito em busca de melhores condições de vida, e foram seguindo o curso das águas, passando pelos países citados anteriormente até chegarem ao nosso país. Em relação a Bula, ele explica que:

O nome Bula não era exatamente Bula. Um português perguntou um velho *Mancanha* como eles chegaram ali e ele respondeu em língua *Mancanha* “**TCHI UBULAM**”, o que quer dizer em *Mancanha* “estamos deslizando com correnteza da água”, e assim surgiu o nome Bula.

Do mesmo modo o nome de Có; como estavam em Bula, os outros saíram à procura de lugares melhores de fazer as suas vidas, foram instalar em atual Có. Um certo dia, de visita a Bula para ver os que ali ficaram e de regresso perguntaram-lhe como

¹⁰ Fonte: acervo da escritora.

conseguem sobreviver lá e ele respondeu “N’DJI KA KU, N’BOS” em *Mancanha* juntar a areia e semear; assim nasceu o nome da cidade de **Có**, (virar a terra para conseguir ter algo de comer). (João Biaguê, entrevista realizada em 15/10/2023).

A versão desta história implica no surgimento histórico do povo *Mancanha*, que é conhecido por seu alto nível de inteligência e honestidade. Isso se deve, em parte, ao fato de que a cidade de Có foi a primeira localidade a oferecer ensino, trazido por missionários europeus durante o período colonial.

A agricultura é uma das principais fontes de renda dos *Mancanhas*. Eles se destacam na produção de grãos alimentícios como amendoim, arroz, milho preto e sorgo, além de cultivarem árvores frutíferas, como cajueiros e mangueiras, que serão abordadas em mais detalhes nas subseções 3.6 e 3.7. Além disso, são grandes produtores de quase todos os tipos de legumes.

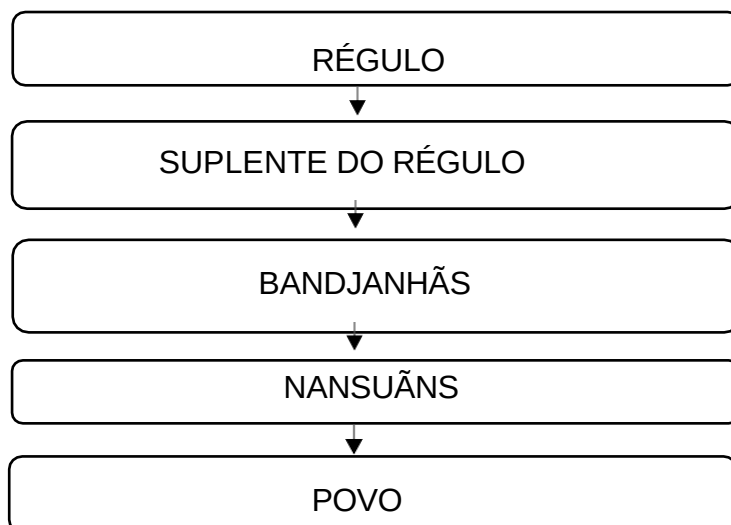
As moradias tradicionais, chamadas de *moranças*, são típicas casas construídas com barro trançado em bambu e cobertas de palha. Cada palhota contém apenas um compartimento. Atualmente, entretanto, as construções são feitas com blocos, revestidas com reboco de barro e cimento, e cobertas com alumínio ou telhas. O interior dessas casas modernas é dividido em vários quartos, com banheiros situados dentro ou fora da residência. Dessa forma, a tradição oral continua a ser um "livro vivo" que preserva e transmite os acontecimentos ao longo do tempo, mantendo a tradição sempre presente e viva.

Segundo Pedro Fernandes Quadé (2021), a população da etnia *Mancanha* é subdividida em grupos de quatro a cinco pessoas, organizados de acordo com a faixa etária. No entanto, crianças pequenas não são incluídas nessa divisão, pois acredita-se que elas ainda não têm domínio sobre suas palavras ou atitudes. Em sua afirmação,

Os grupos etários nitidamente enumeráveis são: *báfan*, crianças da faixa dos 10 aos 16/17 anos de idade; *bathassa*, dos 18 aos 25 anos, que tenha passado pelo ritual do fanado (circuncisão); *bathassa bantóhi*, jovens casados, dos 26 aos 35 anos; *Bantóhi badúmaaku*, dos 60 a 100 anos. Acima de 80 anos, são simplesmente tratados de *batháff* (velho) (Quadé, 2021, p. 23).

A organização da etnia *Mancanha* é bem peculiar e claramente definida. As obrigações são diferenciadas de acordo com a idade, e cada grupo possui dois responsáveis, o *chefe* e o *mensageiro*. A função desses responsáveis é auxiliar os *bamon* e *bandjanham*, que são pessoas com contato direto com o *régulo*. Suas funções incluem a assistência nas cerimônias e em outros eventos importantes na organização da comunidade. O quadro a seguir ilustra a hierarquia do povo *Mancanha* nas *tabankas* de Có e Bula.

Figura 1- Estrutura Hierárquica etnia *Mancanhas*



Fonte: Elaborado pela autora, 2023

A estrutura da organização é composta, em primeiro lugar, pelo *régulo*, considerado o rei e responsável pelos *Mancanhas*. Em seguida, há o *suplente do régulo*, que é o sucessor designado a assumir o reinado temporariamente em caso de falecimento do *régulo*, até que um novo *régulo* seja escolhido. Os *Banjanhãs* são os conselheiros do *régulo*, que também obedecem às suas ordens. Os *Nansuãns* são os chefes das *tabankas*, atuando como mensageiros e representantes do povo. Para completar a estrutura, o povo é composto por aqueles que vivem em uma comunidade, formando a etnia *Mancanha*. Independentemente de onde estejam, incluindo os que se encontram na diáspora, todos devem obediência ao *régulo*.

3.1.2. Pesca/venda

Os *Mancanhas* não são tradicionalmente pescadores. No entanto, de acordo com os anciões (2023), eles pescam apenas o necessário para sustentar a família. Nos tempos atuais, as mulheres compram peixes nos mercados e portos para abastecer as feiras em Có, Bula e outras *tabankas* do país.

O peixe é uma das maiores especiarias consumidas na Guiné-Bissau. Diversos portos servem como referência para esse consumo, com a presença constante de pessoas em busca de peixes frescos. Nesses locais, também são vendidas verduras, roupas, comidas, entre outros produtos, em um espaço amplo, organizado, bem estruturado e limpo.

Figura 2- Porto da Guiné- Bissau



Fonte: Elaborado pela autora, 2023

Visitamos o local, e uma espécie aquática chamou minha atenção, provocando um certo estranhamento: um peixe com dentes parecidos com dentes humanos, algo fora do comum. No entanto, após o impacto inicial, houve uma naturalização da experiência.

O mercado de trabalho em Bissau e nas regiões ao redor está cada vez mais globalizado, com a participação de homens, mulheres e crianças. Por toda a extensão da cidade e nas áreas próximas, vendedores ambulantes são uma presença constante nos diversos mercados e feiras da capital, como o mercado de Bandim, o mercado central da Praça, o mercado de Santa Luzia e o mercado do bairro Ajuda. No contexto guineense, o termo "mercado" é menos utilizado; predominam as feiras, que sustentam grande parte da população.

Um número considerável de mulheres trabalha diariamente nas ruas de Bissau, conhecidas como *bideiras*, vendendo peixes, frutas, verduras, comidas e outros produtos. Os homens geralmente vendem objetos e roupas, enquanto as crianças comercializam água e quitutes. Apesar das dificuldades, as pessoas continuam a inovar, buscando aumentar a lucratividade de suas vendas.

As feiras têm uma singularidade cultural no contexto social. Em algumas conversas, tivemos a oportunidade de conhecer, realizar compras e experimentar a realidade desse povo. Durante essas interações, um dos meus interlocutores compartilhou algumas observações:

Na chapa de Bissau por volta das 12h quando o sol está quente e 19h quando o sol se pôs, tens que cuidar, porque as almas passam lá, se prestar atenção, verás muitas vezes pessoas já falecidas. Por isso, todos os dias nesses horários aquele local fica lotada de pessoas, do nada você vê multidões de pessoas passando, naquela multidão sempre há

peças de outro mundo caminhando ali. Mesmo também, pessoas que fisicamente ainda não morreram, mas que as suas almas estão na partida, mesmo estando doente deitado na cama ou no hospital, tu podes, do nada, ver aquela pessoa e de repente ela some (Jornalista, dia 30/09/2023).

A área de Bissau onde está localizado o mercado de *Bandim* é um exemplo de como várias avenidas estão sempre lotadas todos os dias. Em certos momentos, é possível avistar uma pessoa e, ao olhar novamente, perceber que ela já desapareceu. Isso nos remete ao ritual *Tokatchur*, que marca o fim do ciclo de vida de uma pessoa neste mundo e sua transição para outro. A sacralidade desse ritual, dentro da cultura *Mancanha* é rica em mitos e ritos que, no contexto de pesquisa, precisam ser ouvidos, analisados e ponderados, pois constituem uma parte valiosa da tradição.

Nas *tabankas* de Có e Bula, a dinâmica dos mercados e feiras não é diferente. Essas localidades também têm mercados que funcionam diariamente, mas há uma feira popular que ocorre em dias específicos, conforme o calendário *Mancanha*. Em Có, todos os domingos, as linhagens (*Djorson*) *Dappá* e *Capú* realizam suas feiras, enquanto em Bula, aos sábados, as linhagens (*Djorson*) *Bami* e *Medú* expõem suas mercadorias. Há uma alternância nos dias em que essas feiras populares acontecem, com pessoas de diferentes *tabankas* trazendo seus produtos para vender.

A partir do pensamento de Ibrahima Diallo (2004), pode-se dizer que,

O desenvolvimento do modo de produção capitalista é caracterizado por uma socialização progressiva da produção, pelo aumento dos domínios específicos de produção e por uma maior interdependência destes, assim como pela abertura de um mercado mais alargado. O seu grau de socialização vai atingir um nível tal que a comunhão da vida econômica passa a ser a característica essencial das relações entre as pessoas (Diallo, 2004, p. 90).

O capitalismo e a economia são impulsionados pela produção e pelas vendas. O país também recebe muitos estrangeiros de países vizinhos, como Senegal, Guiné e outros, que vêm expor seus produtos. As autoridades determinam ordens de serviço para a montagem de barracas que recebem os vendedores ambulantes. Esses comerciantes permanecem no local por aproximadamente um mês e, em seguida, buscam outro lugar ou país para continuar suas vendas. Isso também ocorre no Espaço Verde, localizado em Bissau, onde há várias barracas destinadas à venda de comidas, bebidas e ao entretenimento da população, com o objetivo de impulsionar a economia local e promover a independência financeira.

Nos períodos festivos locais, muitos estrangeiros vindos do Brasil, Europa e outros lugares visitam o país para passear e prestigiar os eventos, contribuindo para o aumento da economia e do intercâmbio cultural.

3.2.KATCHASSA (FANADO)

Para a formação do comportamento humano, é necessário passar por algumas instruções ritualísticas, uma das quais é chamada *Katchassa* ou *Fanado*¹¹ (este não é a circuncisão, mas sim um ato de ir ao mato para conhecer a tradição). O *Katchassa* é um ritual em que o jovem realiza a passagem para a fase adulta, adquirindo o conhecimento dos *Mancanhas*. O ritual pode durar até 45 dias, embora não haja um número exato de dias, podendo levar menos tempo. Tem a finalidade de receber orientações e instruções dos mais velhos (homens) sobre como se comportar na sociedade, com a esposa ao casar, e como cuidar e gerir uma família. O objetivo é transformar o jovem em um homem responsável e honesto, que saiba dar conselhos aos que dele necessitam. Além disso, são passadas instruções secretas, ditas apenas para homens que participam do *Katchassa* no mato, informações essas que não obtive no campo de pesquisa por serem sigilosas e sagradas.

Existem algumas gírias de insulto entre os guineenses, como: *Tu estás a fazer isso, por que não fizeste Katchassa?* (fala do interlocutor 2). Ou seja, se a pessoa tivesse feito o ritual, não se comportaria daquela maneira.

Para a etnia *Mancanha*, o ritual do *Katchassa* é realizado para jovens na faixa etária aproximada de 12 a 15 anos, entre os meses de dezembro e abril. Escolhe-se este período seco para evitar a coincidência com o trânsito de homens e mulheres nas plantações, pois durante o isolamento do *Katchassa*, a presença de ambos é proibida. Esta transição da fase jovem para a adulta ocorre em um ambiente próximo às *tabankas*, em um local um pouco reservado (silvestre), onde são montadas tendas para acampar durante o período. O local é mantido em segredo para restringir a presença de pessoas não autorizadas. Durante este período, os participantes permanecem em total isolamento da família.

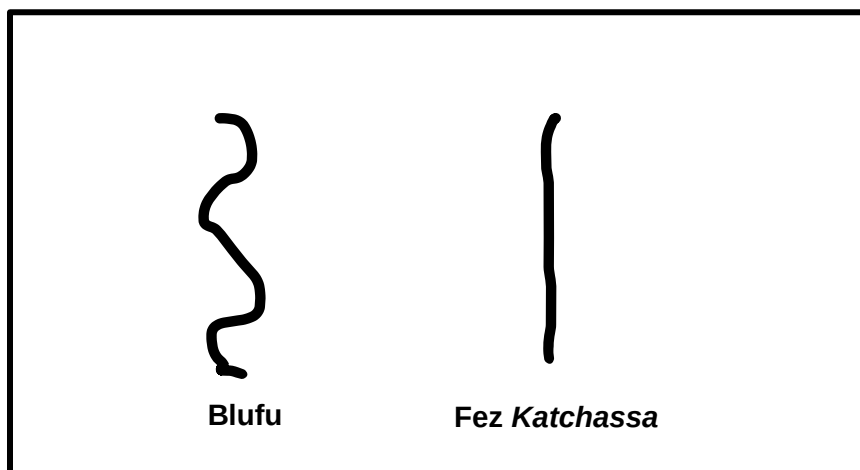
Ao término do isolamento, na *tabanka* de Bula, os *Mancanhas* saem pelas ruas em fila, usando vestimentas específicas (blusa interior branca, panu-di-pinti, guarda-chuva, roupas com enfeites de espelho).

¹¹ Ritual realizado para repassar ensinamentos das tradições da etnia.

O *Lambé* (responsável pelo grupo e pela organização) orienta-os a caminhar em direção à feira no centro da *tabanka*. Ao chegar, eles ficam de pé lado a lado, segurando o guarda-chuva para se proteger do sol. À frente, coloca-se um pano grande no chão, sobre o qual as pessoas que passam jogam moedas como oferta. Os jovens permanecem no local aguardando a autorização do *Lambé* para retornar para casa. Os principais responsáveis pela cerimônia são os chefes das *tabankas*, o *régulo*, os *bandjanhans* (braços direitos do *régulo*) e os *Lambés*. Na *tabanka* de Có, não se realiza o *Katchassa* (*Fanado*); essa transição para a fase adulta ocorre através dos conhecimentos transmitidos pelos mais velhos da família. Mesmo sendo da mesma etnia, os procedimentos podem variar de acordo com a região,

Há uma simologia que eles fazem, chega o dia do desafio mesmo, pega em um pau e fazem dois riscos no chão, e depois perguntam o que é isso? esse aqui é o caminho do Blufú, blufú é quem não foi ao fanado, porque o blufú não é responsável, por exemplo se mandares alguém ir ao mercado, no caminho ele irá falar com o colega, discutir futebol, mas a frente, fala com outro colega. Quem foi ao fanado é responsável, então o caminho dele é reto, sai para tratar do que foi pedido e volta logo, tudo isso para dizer que ele é mais responsável do que quem não foi ao fanado (interlocutor 02. Dia 28\11\2023).

Figura 3- Demonstração de quem fez *Katchassa* e quem não fez



Fonte: Elaborado pela autora, 2023

Grandes ensinamentos da cultura *Mancanha* são repassados durante aquele período. O objetivo do *Katchassa* é transmitir conhecimentos e marcar a transição de uma categoria para outra. Normalmente, no contexto *Mancanha*, o casamento só é permitido após a realização do *Katchassa*; aqueles que casam sem ter participado do ritual são considerados inadequados. Quando ocorre um falecimento, a causa da morte é interpretada por quem passou pelo *Katchassa*. Para ser chefe de *tabanka* ou dirigir um grupo, é necessário ter feito o ritual, pois é considerado um sinal de responsabilidade. Essa prática não se restringe apenas ao contexto de

Bula. Mesmo que exista um membro mais velho na casa que não tenha participado do *Katchassa*, a sucessão geralmente recai sobre o próximo filho que tenha passado pelo ritual, mesmo que seja mais jovem.

É importante notar que a circuncisão tratada aqui é diferente do *Katchassa*. No *Katchassa*, não se realiza nenhum corte; trata-se de um ato simbólico. Em contraste, o *Katchassa* envolve a circuncisão, onde os homens são cortados. Atualmente, entre os guineenses, é comum realizar a circuncisão (*fanado*) em hospitais ou em casa, com uma recuperação rápida e sem grandes riscos de vida. Durante o período de recuperação e ensinamento, esses jovens não podem reivindicar certos direitos. No entanto, aqueles que realizam o *Katchassa* no mato são de famílias que seguem rigorosamente a tradição. Isso ocorre com jovens residentes no interior, nas *tabankas* ou aldeias, e também em Bissau, onde se apropriariam de um local não utilizado para o período de isolamento.

Além disso, existem direitos e privilégios que apenas os homens que passaram pelo *Katchassa* podem adotar ou herdar. Na cultura guineense, e de maneira particular entre os *Mancanhas* de Có e Bula, há momentos e práticas considerados sagrados.

3.3.NASIH- RÉGULO

Figura 4- *Nasih ou Régulo da Tabanka de Bula*



Fonte: Elaborado pela autora, 2023

Em Bula, o atual *régulo* João Morais Mancabo, nascido em 24 de dezembro de 1943, com 80 anos de idade, de linhagem *Djorson Bami*, assumiu o trono em 2 de julho de 2014, data reconhecida pela população. No entanto, o Estado só reconheceu oficialmente sua posição em 2 de agosto de 2014. O seu sucessor será da linhagem *Djorson Medu*, que já está em formação.

O atual *régulo* de Bula reside no centro da *tabanka* com suas três esposas e uma esposa herdada de seu irmão falecido. Para chegar ao seu palácio, passa-se pela rotunda central, vira-se à direita e, em seguida, à esquerda. As casas são construídas em círculo, ficando no centro o trono, onde são realizadas reuniões, recebem-se visitantes e o povo.

A arquitetura das casas no palácio é circular, construídas com barro entrelaçado com bambu, rebocadas com barro e cobertas com palha. As casas estão localizadas em áreas planas, rodeadas por diversas árvores, incluindo árvores sagradas como cabaceira, cibe, poilão e outras, que têm importância na tradição de *kabuka*.

Figura 5- Entrada para o palácio do Régulo na *tabanka* de Bula



Fonte: Elaborado pela autora, 2023

O *Régulo* não come na rua, mesmo estando com fome; ele come apenas na casa preparada para ele durante o reinado, e ali só pode comer com a sua primeira esposa. Se ele for

a uma cerimônia e receber carne, como manda a tradição, um dos *Bandjanhãs* rapidamente pega a oferenda e leva para a casa do *Régulo*, onde ele aguarda.

Quando visitamos o *Régulo* em seu palácio, levamos 1 litro de cana ardente e 1 litro de vinho tinto para lhe oferecer. Ao chegarmos, fomos instruídos a não colocar nada que fosse oferecer ao *Régulo* no chão, pois ele não come e não bebe nada que toque o chão, considerado impuro, para evitar possíveis consequências.

O *Régulo* abençoa os visitantes colocando um pouco da bebida em uma cabaça e derramando um pouco no chão. Embora saiba falar português, crioulo e *Mancanha*, ele prefere sempre falar na língua materna, *Mancanha*, demonstrando a importância e sacralidade da língua étnica. As traduções eram feitas pelos mentores presentes. No entanto, havia sempre uma preocupação por parte do *Régulo* em garantir que as traduções fossem compreendidas corretamente. Ao final da reunião, ele derrama um pouco de água ardente na nossa cabeça, nos abençoa na saída, pedindo proteção aos ancestrais e nos dá um pouco da bebida para derramarmos no chão, com o intuito de satisfazer os ancestrais.

Na despedida, fomos convidados a retornar ao palácio na semana seguinte para observar uma cerimônia e obter dados adicionais para a pesquisa. Quando retornamos, a cerimônia havia sido adiada. Na segunda visita, levamos oferendas novamente e conversamos um pouco mais. Na ocasião, havia um *Bandjanhã* tocador de *Bombolom*, que foi fundamental para compreender os conceitos de *visão* (pauteiros – pessoas que têm visão além do normal e são responsáveis pela realização de rituais e por estar próximos do *Régulo*). Em seguida, fomos convidados pelo *Régulo* para conhecer o interior da sua casa. Ele nos mostrou um álbum de fotografias com várias fotos dos membros da família (esposas, filhos, netos etc.), além de imagens de comidas sagradas e cerimônias, incluindo a cerimônia adiada chamada *Ulemp*. Esta cerimônia é realizada uma vez ao ano durante a vida do *Régulo*. A comida sagrada *Katchassa* é preparada para o povo e chamada de *Katchassa*, mas para o *Régulo* é chamada de *Ulemp*. Após seu falecimento, este ritual não é mais realizado, restando apenas outros rituais como *Bdjimpal* (*Djongago*) e *Toka-tchur*.

Figura 6- Templo para realização de cerimonial em Bula



Fonte: Elaborado pela autora, 2023

Logo à frente da entrada do palácio do *Régulo*, à direita, há um local cercado com palhas. O portão de entrada deve permanecer sempre aberto. Dentro desse espaço, há uma palhota redonda com um *Kambúmulum* debaixo, um instrumento sagrado para a realização de todas as cerimônias que o *Régulo* deve cumprir. A entrada para o templo é permitida apenas durante as cerimônias sagradas. Para a realização de qualquer cerimônia, o *Régulo*, enquanto responsável máximo e sagrado a quem todos devem obediência, conta com grupos de conselheiros que o auxiliam em tudo. Durante nossa visita, tivemos o apoio de *Bandjanhãs* e *Nansughãs*.

Na *tabanka* de Có, o *Régulo* permaneceu no trono por 11 meses e 24 dias. Ele foi empossado no dia 9 de julho de 2019 e faleceu no dia 3 de julho de 2020. Somente em maio de 2023 foi realizada a cerimônia de *Toka-tchur*. Portanto, a *tabanka* encontra-se sem *Régulo* até o presente momento. Enquanto o novo *Régulo* está em preparação, os *Bandjanhãs* e *Nansughãs* orientam o povo *Mancanha* de Có, enquanto o sucessor da linhagem *Kapú* está se preparando para assumir brevemente o reinado. Atualmente, a escolha do *Régulo* segue algumas dinastias definidas pelos ancestrais, chamadas de linhagens. Na etnia *Mancanha*, existem quatro linhagens para cada *tabanka*. No entanto, apenas duas linhagens podem assumir o cargo de *Régulo* em Bula: *Bamí* e *Medú*; e para a *tabanka* de Có: *Kapú* e *Dapá*. Essas duas linhagens se sucedem tanto em Có quanto em Bula. No caso de Có, a alternância deve ocorrer

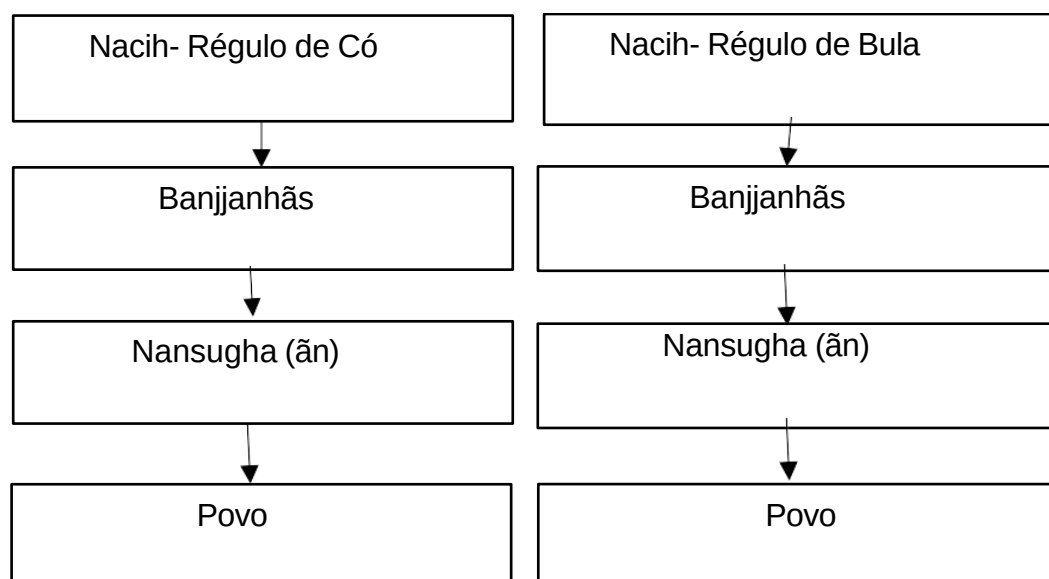
entre *Kapú* e *Dapá*, já que o último *Régulo* era da linhagem *Dapá*. Por isso, não há disputas na escolha da linhagem para o cargo de *Régulo*, nem disputas sobre quem deve ser escolhido, pois são os ancestrais que demonstram sinais de quem deve assumir, seguindo a regra estabelecida.

Os escolhidos são considerados *sangue da luz*, de onde vem o *Régulo*. O *Régulo* em poder terá seu sucessor preparado em outro lugar. Segundo relatos, eles não podem se encontrar, pois isso é considerado uma forma de maldição.

Quando os ancestrais escolhem o sucessor, a recusa é proibida, pois pode trazer doenças ou outras maldições para que a pessoa escolhida aceite o cargo. Alguns interlocutores relataram casos em que pessoas escolhidas recusaram assumir o cargo e enfrentaram graves consequências até que finalmente aceitaram a função. Essas consequências podem incluir a morte de familiares, de animais, doenças, acidentes, etc. Uma vez que a pessoa aceita a responsabilidade, tudo volta ao normal.

O novo *Régulo* deve seguir alguns procedimentos: primeiro, deve pegar uma cabra (*upi*) e caminhar com ela por toda a *tabanka* de Có ou Bula. O local onde a cabra urinar será onde o reino deve ser construído. Os povos são convocados pelos *Bandjanhãs* e *Nansughãs* para construir o palácio do *Régulo*, onde ele levará a família para residir. A estrutura do palácio deve seguir a mesma configuração. Quando chega o tempo chuvoso, todos aguardam a ordem do *Régulo* para iniciar o preparo da terra e o plantio. Assim que a época chega, uma reunião é realizada com os representantes *Bandjanhãs* e *Nansughãs* para convocar o povo a cultivar e plantar as terras do reino. Após o término do plantio, o povo é liberado para voltar para casa e preparar suas terras para o cultivo de arroz, feijão branco (*fava*), verduras e outros. O mesmo processo é seguido durante a colheita. Percebe-se que o *Régulo* é o centro de tudo e tudo ao seu redor deve obedecer-lhe completamente.

Para anunciar a morte do *Régulo*, seguem-se alguns passos para fechar o ciclo da alma com o mundo dos vivos, passando para o mundo dos ancestrais e permitindo o descanso permanente daquela alma. Abordaremos os passos com mais detalhes na subsecção 5.7.

Figura 7- Sistema hierárquico das cidades de Có e Bula

Fonte: Elaborado pela autora, 2023

3.4. NANSUGHA (ÃN)

Nas *tabankas* de Có e Bula, diferentes autoridades gerenciam a comunidade. Os anciãos são responsáveis por liderar e responder diretamente ao *régulo*. Eles executam as ordens do *régulo* e são supervisionados pelos conselheiros do *régulo*, os *Bandjanham*.

Os *Nansughãs* têm a responsabilidade de resolver problemas, conflitos ou qualquer tipo de desentendimento dentro da comunidade. Caso não consigam resolver a situação, convocam-se os *Bandjanhãs* para uma possível pacificação. Se ainda assim a situação não for resolvida, o *régulo* intervém para apaziguar o problema. A decisão final do *régulo* deve ser acatada por todos.

3.5. NANDJANHAM/ BANDJANHAM

Os *Bandjanhãs* são representantes dos *régulos* e ficam próximos deles, ajudando diretamente na administração. Eles desempenham um papel de alta responsabilidade e são pessoas de grande honra entre os *Mancanhas*, tanto em Có quanto em Bula. Normalmente, um *Bandjanhã* é responsável pelo cemitério e pelo calendário lunar dos *Mancanhas*. Ele informa o *régulo* sobre as fases da lua para que este possa agendar cerimônias como o *Nguram* e outras. Além disso, coordena a agenda regular do *Toka-tchur*, pois tudo deve ser orientado conforme as instruções do *régulo*. A residência dos *Bandjanhãs* está situada nos arredores do cemitério. Eles entram e saem do cemitério a qualquer hora sem receio, pois possuem a proteção dos

ancestrais. Recebem a bênção do *régulo* para exercer suas funções e são considerados autoridades tradicionais de alta importância.

Figura 8- Guardião do Cemitério de Có, etnia *Mancanha*, cerimônia de *Nguram*



Fonte: Elaborado pela autora, 2023

Há diversos *Bandjanhãs* responsáveis por funções específicas. Por exemplo, alguns são encarregados de tocar o *kambúmulum*, outros atuam como seguranças do *régulo*, e há também aqueles que cuidam da política cultural. Além dessas funções, existem outras responsabilidades desempenhadas por eles.

3.6.LAVOURA

As plantações típicas da etnia *Mancanha* incluem *mancara*, arroz, milho preto e *sorgo*. No entanto, com o avanço da sociedade e a implementação de novos métodos de cultivo, outras variedades de plantações também foram introduzidas. Abaixo estão imagens de cereais sagrados para a etnia.

Figura 9- Plantação de Arroz



Fonte: Elaborado pela autora, 2023

O arroz é um alimento essencial no cotidiano da etnia *Mancanha*, não podendo faltar nas refeições. Da mesma forma, o peixe é uma especiaria que enriquece o paladar do povo *Mancanha*.

Figura 10- Plantação de Milho Preto, utilizado na cozinha dos rituais.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023

Esses são alimentos sagrados em cerimônias fúnebres, como o *Katchassa*, o *Uram* e o *Nguram*. Sem eles, não é possível realizar essas cerimônias.

3.7.HORTICULTURA

A plantação de cajueiros e mangueiros produz frutos que são típicos da Guiné- Bissau, um dos principais produtores de caju, reconhecida como uma grande referência nesse setor.

Atualmente, as verduras são fontes importantes de renda para as famílias. Hoje, planta-se uma variedade de produtos, como *djakatu* (jiló), *berinjela*, *mancara*, *malagueta*, *quiabo*, *jerimum*, *pepino*, entre outros. Geralmente, essas plantações ocorrem próximas às residências, tanto para consumo próprio quanto para venda. As mulheres, por sua vez, vendem esses produtos em mercados, feiras ou ao longo das vias, contribuindo para o sustento familiar.

Figura 11- Plantação de Berinjela



Fonte: Elaborado pela autora, 2023

Djakatu é uma verdura que faz parte da dieta do povo guineense quase diariamente. Outro exemplo é o prato de *Badjiki* (espinafre), que é preparado com quiabo e folhas da planta de *Badjiki*. Esse prato é muito saboroso, e eu tive a oportunidade de apreciá-lo. No entanto, já havia conhecido o *Badjiki* anteriormente no Brasil, em nossa casa.

Figura 12- Plantio de *Djakatu* na *tabanka* de Có (Jilo)



Fonte: Elaborado pela autora, 2023

4. SIGNOS ÉTNICOS PARA COMUNICAÇÃO COM OS ANCESTRAIS

Os signos instrumentais descritos abaixo têm uma sacralidade especial para a etnia, e a recusa em usá-los pode acarretar penalidades. Para uma melhor explicação sobre esses signos, contei com o apoio das leituras de João Cornélio Gomes Correia (s.d.) e Pedro Fernandes Quadé (2011). Obtive acesso a esses livros durante minha visita ao Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa (INEP), o que foi uma contribuição fundamental para o diálogo. Segundo Ki-Zerbo (2010), diz-se que,

Sem esperar muito musicocronologia, o estudo comparativo dos instrumentos e da substância musical por intermédio de medidas aritméticas tratadas pela análise estatística pode dar resultados convincentes quanto à difusão e ao desenvolvimento cultural (Ki- Zerbo, 2010.p. 392).

A partir das leituras, foi possível aprofundar o conhecimento sobre os instrumentos utilizados em rituais sagrados. Embora o ferro seja um exemplo relevante, não será descrito neste contexto. Por meio das entrevistas, obtivemos informações detalhadas sobre outros instrumentos que continuam a ser utilizados até os dias atuais. Esses instrumentos são os que serão citados e descritos a seguir.

4.1.KAMBÚMULUM (bombolom)

O *Bombolom* é um instrumento feito de tronco de árvore, com formato cilíndrico, embora não seja totalmente redondo. Sua parte superior é mais estreita e reta, e o miolo é oco, com uma abertura no topo para que o som possa emergir de forma grave e potente. É acompanhado por duas baquetas e produz um som com uma intensidade sonora que pode ser ouvido em grande amplitude.

No passado, o *Bombolom* é utilizado para convocar pessoas, comunicar informações e fazer a interligação entre o mundo dos vivos e dos mortos. É a principal forma de transmissão e comunicação. Ao ouvir o chamado, os tocadores, conhecidos como *Bandjanhãs*, vão ao encontro do tocador principal. É importante destacar que nem todos os tocadores são considerados *pauteiros* (pessoas com visões); alguns podem ouvir as mensagens transmitidas pela ancestralidade, enquanto outros não. Atualmente, para convocar os tocadores, são enviadas mensagens ou recados, refletindo o avanço tecnológico. A prática de chamar por meio do toque do instrumento ainda ocorre em ocasiões especiais, como o anúncio da morte de um *régulo* e

seu sepultamento. Apenas os pauteiros podem estar presentes nessas ocasiões, devido às sacralidades e preceitos que precisam ser rigorosamente observados.

O *Bombolom* não é acompanhado por nenhum outro instrumento ou canto, exceto durante a cerimônia de *Toka-tchur*, quando a dança é permitida. Durante essa cerimônia, os sons do *Bombolom* descrevem as qualidades das linhagens da ancestralidade, e o filho do falecido dança em honra aos antepassados. Enquanto o instrumento é tocado, as pessoas presentes podem ofertar dinheiro, jogando-o dentro do instrumento, ou fazer o que chamam de *Karmusa*, um tipo de mimo através de coreografia tradicional. Muitas vezes, quando alguém entende a função do *Bombolom*, entra no meio e participa dessa dança.

Os tocadores de *Bombolom* não recebem pagamento oficial para exercer sua profissão. Durante a cerimônia, recebem uma perna da vaca sacrificada, além de bebidas como vinho, *sumo* (suco), cachaça, e *panu-di-pinti*, além do dinheiro que as pessoas colocam no *Bombolom* durante o ritual. Após a cerimônia, as baquetas são escondidas, pois são consideradas sagradas e somente os tocadores têm acesso a elas. Isso está relacionado com a sacralidade e o valor tradicional do ritual e das pessoas que tocam *Bombolom*. Em outras etnias, a prática pode ser diferente, bastando ter participado do *fanado* sagrado para tocar.

Segundo o relato de um dos meus interlocutores, o senhor Antônio Nala, de 78 anos, filho do antigo *régulo* de Bula, toca *Bombolom* desde a infância, aos 5 anos de idade, mas começou a tocar profissionalmente após a morte do pai, que o proibia de tocar anteriormente.

Figura 13- “*Bandjanham*”, figura de um responsável de tocar bombolom num *Toka-tchur* em Có



Fonte: Elaborado pela autora, 2023

O tocador de *Bombolom* deve passar por algumas cerimônias obrigatórias antes de iniciar sua função. Após essa cerimônia, há um período de treinamento para que ele seja oficialmente considerado um *tocador*.

O *Bombolom* é um instrumento tocado exclusivamente por homens. A escolha do tocador é feita com base na espiritualidade. São pessoas que têm visões e ouvem as mensagens que os ancestrais transmitem aos vivos presentes ou ausente durante o ritual de *Toka-tchur*. Caso a pessoa escolhida negue a função de tocar o *Bombolom*, ela enfrenta consequências e penalidades, como doenças ou até mesmo a morte.

Durante as conversas em campo com nossos entrevistados, ouvimos o relato de um homem que recusou o dever de ser tocador. Observamos que ele estava com as mãos trêmulas, como se estivesse tocando o instrumento. Acredita-se que isso seja uma consequência de sua recusa. Quando foi chamado pela *tradição*, ele rejeitou a função, alegando que se tratava de um mito e que não podia ser tocador. Após essa recusa, ele começou a enfrentar problemas de saúde ao longo de sua vida.

Para os *Mancanhas*, o *Bombolom* é tocado apenas em momentos tristes, pois seu som grave e seu significado evocam lembranças da linhagem ancestral. Acredita-se que, enquanto o instrumento é tocado, os ancestrais estão presentes ao redor do local. O respeito pela cultura é crucial dentro da etnia, e a vivência com o outro mundo é sempre constante. Por isso, o toque do *Bombolom* ocorre em ocasiões importantes, como no *Toka-tchur* e para comunicar a morte ou informações necessárias às *tabankas*. Não se toca *Bombolom* em festas simples.

Figura 14- *Kambúmulum (bombolom)*



Fonte: Elaborado pela autora, 2023

O *Kassekulum* é um *Bombolom* que ocupa uma posição intermediária entre os dois *Bombolons* maiores. O mestre do *Kassekulum* inicia o ritual orientando os outros tocadores, e só para quando o permite. O *Kassekulum* é fundamental no ritual de *Toka-tchur*; sem ele, não é possível iniciar a performance. Ele sempre fica posicionado entre os dois *Bombolons* maiores e é considerado o mais poderoso entre os instrumentos de *Bombolom*.

Durante nossa presença no ritual de *Toka-tchur* em *Có*, observamos os instrumentos e os tocadores. Pessoalmente, fiquei surpreso nos primeiros momentos devido às informações

anteriores sobre a sacralidade dos instrumentos. No entanto, aos poucos fui me envolvendo com a tradição, pois os tocadores me convidaram a participar. O ato de tocar o *Bombolom* carrega uma série de significados que vão além da leitura simplista; como o tocador me explicou brevemente, nem tudo é o que parece.

Outro aspecto marcante em relação aos tocadores é a seriedade com que encaram seu trabalho. Há um forte espírito de responsabilidade e uma abordagem muito respeitosa em relação ao ritual de *Toka-tchur*. A espiritualidade está profundamente envolvida em todo o processo.

Como pesquisadora, percebi que algumas pessoas locais tinham um olhar diferenciado durante o ritual. Quando me aproximei para pedir permissão para filmar e tirar fotos, os tocadores inicialmente acenaram com a cabeça em sinal positivo. No entanto, eu não sabia que seria necessário oferecer algum valor em espécie para essa permissão. Somente após colocar uma doação dentro do *Kassekulum* os tocadores interromperam o toque do instrumento. Esses são conhecimentos que só podem ser adquiridos em campo, dentro da cultura *Mancanha*.

Figura 15- *Kassekulum*



Fonte: Elaborado pela autora, 2023

4.2.PLUL (tubo de sopro)¹²

Plul é um instrumento de metal encurvado, com a parte superior fina e arredondada e a base de dimensão larga. Há uma pequena abertura na parte superior para que se possa soprar com a boca, permitindo a saída do som.

Utilizam-se cordas para pendurá-lo ao pescoço. É um instrumento tocado de pé ou sentado; às vezes, é tocado no chão e acompanhado por coro.

4.3.KAFOOTH- IFUNTUB (assobio ou flauta de boca)

A flauta é um tubo oco e comprido, com alguns furos na lateral e uma abertura em uma das extremidades para que se possa soprar com a boca, utilizando-se também das mãos. Os dedos tampam e abrem os furos para produzir as melodias.

Este instrumento é tocado em momentos de alegria e festa, emitindo um som suave que, dependendo do tom e das notas musicais, transmite uma frequência sonora e combina melodias. A flauta pode ser acompanhada por outros instrumentos, canto e dança. Entre os *Mancanhas*, a flauta era utilizada em festas e, especialmente, nas festividades juvenis. Nos tempos atuais, seu uso é menos frequente, possivelmente devido à influência de materiais sonoros mais sofisticados, como rádio, celular e outros dispositivos modernos.

4.4.UIBM WIPUMAGHA (caroxo de mango)

É um instrumento feito com aproximadamente 10 a 15 sementes de manga secas. Colocam-se algumas pedrinhas dentro do caroço da manga para que o som possa emergir. As sementes são unidas com um cordão e amarradas ao tornozelo. Trata-se de um instrumento de fácil acesso e construção.

É utilizado em diversas festas populares, nas quais todos podem participar, tanto homens quanto mulheres. À medida que as pessoas tocam os pés ao chão, a sonoridade da melodia ressoa e a dança começa. Este instrumento é de grande utilidade entre os guineenses, especialmente durante as festas de fanado de outras

¹² Não conseguimos a foto desse instrumento.

etnias e em Bissau, onde um guardião chamado *Kamkuram* provoca danças por toda a *tabanka* durante as férias, um período conhecido entre os guineenses como *férias-garandi*. Além disso, o instrumento pode ser acompanhado por outros instrumentos, como o tambor. Adquiri uma foto deste instrumento em eventos realizados no Brasil, na Universidade Internacional da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB.

Figura 16- *Uibm Wipumagh*



Fonte: Elaborado pela autora, 2023

4.5.TINA

É um instrumento conhecido como tambor de água. São tambores de metal cortados ao meio e cheios de água. Em seguida, coloca-se uma cabaça cortada ao meio dentro do tambor, com o furo voltado para baixo. À medida que se toca o tambor, a melodia sonora ressoa.

A *tina* é utilizada em festas, casamentos e em algumas outras atividades festivas. O instrumento é acompanhado de palmas e danças. Entre os *Mancanhas*, é muito frequente, especialmente nos grupos de dança *Gumbé*, onde a *tina* é organizada por homens e

mulheres que buscam manter a tradição guineense através de cânticos que enaltecem, criticam e propõem situações em relação ao país.

4.6.TANQUE

O *tanque* é um instrumento feito a partir de um tambor de óleo ou qualquer outro tambor de metal. Ele é acompanhado por duas baquetas de madeira e é utilizado em festas, casamentos e outros eventos.

A execução do toque do instrumento é realizada por duas pessoas: uma bate com as mãos sobre o tambor, enquanto a outra usa as baquetas para bater nos lados do tambor, produzindo ruídos sonoros distintos.

Na etnia *Mancanha*, o instrumento é tocado especificamente em uma dança chamada *Singa*, que será detalhada em um subtópico específico.

4.7.PALMAS

Este instrumento é feito com dois pedaços de madeira, com a aparência de palmas das mãos, batidos um contra o outro. É utilizado em manifestações culturais e é frequentemente acompanhado por outros instrumentos, como tambores, entre outros.

Entre os *Mancanhas*, é mais utilizado pela juventude durante festas, nos períodos de lavoura e colheita, ou em celebrações que envolvem diferentes gerações.

4.8.KA' HUR (grito)

É um termo que expressa diversas emoções, como alegrias e tristezas. É utilizado em várias práticas culturais, como o *Toka-tchur*, o *Choro*, manifestações de lamento e também em festividades que remetem à alegria, acompanhadas de dança e palmas. Por meio da expressão corporal, manifesta-se a identidade cultural. Alguns desses instrumentos possuem grande valor sagrado e servem como sinais de comunicação com a ancestralidade.

5. MANIFESTAÇÕES DO LUTO

Segundo Leonardo Cardoso (2004), o luto é definido por algumas simbologias nos comportamentos de manifestar tristeza, dor e inconformidade diante da perda de um ente querido. O luto se manifesta de diferentes formas, variando de pessoa para pessoa, com sentimentos e personalidades diversas, sejam maduras ou não. Geralmente, as pessoas tendem a usar vestimentas pretas para demonstrar o luto, e o traje preto é um sinal reconhecido pela sociedade de maneira geral. A forma como o luto é manifestado depende da proximidade e da afetividade que a pessoa tinha com o falecido enquanto estava em vida.

Os parentes, vizinhos e amigos se solidarizam de maneira harmoniosa para proporcionar conforto e tranquilidade àqueles que enfrentam a perda de uma vida. O luto envolve várias manifestações nas quais a população reconhece a dor e a perda que a pessoa está vivenciando. Algumas manifestações incluem o uso de roupas pretas, abstinência sexual, entre outras práticas. Para os *Mancanhas*, usa-se roupas pretas, muitas vezes acompanhadas de *panu-di-pinti* (preto e branco), e aguarda-se o dia de *Todos os Santos*, que para eles é a data da cerimônia de *Nguram*, marcada de acordo com a lua e o calendário próprio da etnia. Nesse dia, a pessoa enlutada estará isenta de todos os compromissos de luto, desde que cumpra as normas estabelecidas pela etnia para o período de luto.

A cabaça e as vestimentas são acessórios de suma importância, com grande significado e considerados sagrados. Apenas os filhos primogênitos, sejam homens ou mulheres, são responsáveis por realizar alguns rituais que ainda não foram completados ou que devem ser feitos ao longo dos períodos que antecedem o dia de *Nguram*.

Após observar e participar do *Choro (tchur)*, que é o termo usado para descrever o primeiro cerimonial pós-morte, eu, como pesquisadora e historiadora de um país da América, trouxe perspectivas de conhecimentos e realidades diferentes da cultura guineense, especialmente da cultura *Mancanha*. Segui todos os rituais, sempre acompanhada por familiares que explicaram detalhadamente cada etapa do processo.

Para uma compreensão mais precisa do ritual chamado *Choro (tchur)*, as descrições serão detalhadas na próxima subsecção.

5.1.RITOS INICIAIS PÓS MORTE.

5.1.1. Punm - Choro

Punm, literalmente, significa *choro* (*tchur*) na língua *Mancanha*. A expressão *Ndji di ka punm* ou *Nham i sann a ketchi* significa *eu tenho choro* (*tchur*), referindo-se à morte de um parente próximo ou de alguém da família.

Há algumas formas de anunciar o falecimento entre os *Mancanhas*, seguindo os passos descritos abaixo. Primeiro, a prática conhecida como eutanásia¹³ é realizada de forma discreta. Quando uma pessoa está gravemente doente há muito tempo, sem possibilidade de cura, e sofre continuamente, os anciões e familiares chegam a um acordo para realizar a eutanásia. No entanto, não se declara explicitamente que a pessoa foi morta dessa maneira; se a pessoa faleceu de forma natural, mas após muito sofrimento, o anúncio pode ser feito com a expressão *Anorfani*¹⁴, que indica que a pessoa descansou, na língua *Mancanha* que significa descansou.

*Aqueti*¹⁵ é o termo usado quando uma pessoa morre muito jovem, ou seja, quando ocorre uma morte repentina ou um falecimento de alguém que não passou por um processo de eutanásia. E a terceira forma é a *Ba-figha*¹⁶, que significa que a pessoa foi morta por alguém ou que sua morte foi provocada por outra pessoa.

Antigamente, e ainda hoje, embora com menor frequência, quando uma pessoa idosa morre, a primeira ação é tocar o *bombolom* para anunciar seu falecimento. No entanto, se a pessoa tinha entre 60 e 70 anos, ou uma idade inferior, não se toca o *bombolom*; em vez disso, realiza-se o sacrifício de uma vaca para anunciar a morte.

Os enlutados usam vestimentas na cor preta. O primogênito tem a obrigação de vestir roupa preta (*espera*) e usar uma cabaça na cabeça, enquanto as mulheres usam a cabaça ao redor do pescoço, pendendo para as costas, além de pulseiras de osso. Esses acessórios são considerados sagrados para a etnia *Mancanha* e são utilizados pelos filhos do falecido.

¹³ *Eutanásia*, nome da língua *Mancanha* traduzido pela autora deste trabalho, pois não há tradução para a língua portuguesa.

¹⁴ *Anorfani* é um termo na língua *Mancanha* que não possui tradução direta para o português, conforme traduzido pela pesquisadora.

¹⁵ *Aqueti* é um termo na língua *Mancanha* que não possui tradução direta para o português, conforme traduzido pela pesquisadora.

¹⁶ *Ba-figha* é um termo na língua *Mancanha* que não possui tradução direta para o português, conforme traduzido pela pesquisadora.

Esse é um momento chamado *choro* (*tchur*). A pessoa falecida permanece em sua cama, enquanto a comunidade se reúne para oferecer suas condolências aos familiares. O caixão fica do lado de fora da casa, sobre uma mesa. No pé da mesa, amarra-se uma cabra, chamada *upi* na língua *Mancanha*, se a pessoa falecida for uma mulher. Se for um homem, amarra-se um bode. O animal é sacrificado na frente da porta de entrada, para que, no momento em que o cadáver atravessar a porta, passe sobre o sangue do animal (*upi*), como forma de purificação antes de ser colocado no caixão. As mulheres presentes levam *panu-di-pinti*, um pano sagrado, que é oferecido em nome da família a família enlutada, e também é enviado a um parente no mundo dos ancestrais.

Os panos são colocados no caixão, com uma parte dentro e outra parte para fora. Ao colocar o corpo, ele é envolvido com os pedaços deixados para fora. Em seguida, são realizadas outras práticas ritualísticas, como passar quatro vezes em volta do caixão com paus ou palhas com fogo, chamando o nome de todos os filhos do falecido. A mesma prática é feita com água, aspergindo-a sobre o caixão para benzer o corpo e afastar todos os espíritos ao redor. Depois, qualquer pessoa pode colocar uma moeda em cima do caixão. Um filho ou neto presente retira a moeda e a guarda para si. A moeda representa a riqueza e a prosperidade deixadas pelo falecido.

Os parentes do falecido chamam os mais velhos e se reúnem para decidir o local do sepultamento. Eles conversam para chegar a um acordo. Segundo alguns relatos, às vezes, o espírito do falecido se manifesta em outra pessoa que está na roda ou no canto do *choro* (*tchur*), expressando seu desejo e indicando onde deseja ser sepultado. Após essa manifestação, o desejo do espírito é respeitado por todos.

À medida que o momento do cortejo para o cemitério se aproxima, o primeiro filho ou filha, dependendo de quem faleceu (*Papé* ou *Mamê*), deve sair para o cemitério antes que o corpo deixe a casa. Acredita-se que o filho primogênito não pode se encontrar no caminho do traslado do corpo, pois isso acarretaria a morte do filho. Ao chegar no cemitério, o filho realiza um rito específico, jogando arroz na cova e aguardando a chegada do cortejo para sair antes que este entre no local.

Durante o sepultamento no cemitério, o caixão é colocado na cova. Em seguida, utiliza-se uma esteira chamada *Kadjessan*, que é um elemento importante na sepultura. Esta esteira é uma tela feita de bambu, costurada com linhas que a unem.

Dois pedaços pequenos da esteira são recortados em forma de cruz e entregues à família para serem levados para casa, enquanto o restante é colocado em cima do caixão.

Logo após, se desejar, coloca-se as roupas do falecido no caixão. Caso algum presente, como *panu-di-pinti*, deva ser enviado a um parente já falecido, pode-se aproveitar para incluí-lo. Para finalizar, coloca-se uma cabaça antes de fechar o caixão. Se a família esquecer de levar a cabaça, ela pode ser colocada em cima do caixão antes de cobri-lo com a terra.

Durante todo o mês seguinte à morte, pessoas permanecem na casa do falecido. Acredita-se que, após a morte, o espírito do finado continua a repousar na casa. Todos os dias, ao amanhecer, toca-se um instrumento às seis horas da manhã. Além disso, uma mulher chora por 15 minutos todos os dias na frente da casa. Esta prática continua até o dia da realização do *Pudem Kambansam* ou *Ylsa Steira*, outra cerimônia de pós-morte que será descrita posteriormente.

5.1.2. A realização fúnebre é diferenciada para homens e mulheres.

Para as mulheres, o sepultamento é o mesmo, independentemente de terem filhos ou não. No entanto, para os homens, o procedimento é diferente. A primeira esposa estende o *panu-di-pinti* preto com branco dentro do caixão, deixando uma parte para fora. Em seguida, as demais esposas, caso existam, colocam seus *panu-di-pinti* pretos na ordem de casamento. Depois, adicionam os panos oferecidos pelas pessoas presentes. Para finalizar, coloca-se o corpo, sendo que o pano da primeira esposa será o que envolverá o corpo de forma aconchegante.

Para o momento do *choro* (*tchur*), serve-se uma comida específica: uma comida mole semelhante a canja, que é a única que deve ser servida. Somente após o sepultamento é permitido cozinhar e servir alimentos mais substanciais, como arroz e carne. Após o retorno do cemitério, realiza-se um ritual chamado *Diongago*.

5.2.BUDJIMPAL E KADJIM (Djongago)

Kadjim na língua *Mancanha*, e *Djongago* na língua crioula, é um rito destinado a descobrir a causa da morte de uma pessoa. Para sua realização, é necessário seguir alguns procedimentos, que descreveremos a seguir.

Existem duas formas de realizar o rito. A primeira é feita enquanto o corpo do falecido ainda está presente. Coloca-se o corpo em uma esteira, realizam-se alguns rituais e, em seguida, quatro pessoas o erguem. O responsável pelo rito, geralmente um homem forte, posiciona-se à frente e pergunta a causa da morte. Após obter a resposta, prosseguem para o cemitério para o sepultamento.

A segunda forma ocorre após o sepultamento. Utiliza-se a roupa que o defunto vestia antes de falecer, um galho de uma planta conhecida como *badôdoce* é moldado para representar uma figura humana, simbolizando o falecido. Além disso, recolhem-se pedaços da esteira cortada no cemitério, que são colocados sobre uma cama improvisada, feita de paus. Realizam-se alguns rituais e, em seguida, quatro pessoas são chamadas para carregar essa estrutura, com duas posicionadas à frente e duas atrás.

Neste momento, convocam-se os homens ou mulheres mais velhos/as da família, que farão perguntas sobre a causa da morte e os herdeiros. Os familiares, divididos entre o lado paterno e materno do defunto, conforme a expressão em crioulo *lado di papé, e lado di mamé* fazem as perguntas: *O que aconteceu? O que causou a morte?* “O que matou?” ou *Por que você morreu*. Também podem perguntar: *Uó wi na sibatchi?* (Foi Deus quem matou?). Se a resposta for afirmativa, as pessoas que seguram a cama darão um passo à frente; caso contrário, permanecerão no mesmo lugar ou recuarão. Esse processo continua até que as razões da morte sejam encontradas.

No ritual de *Djongago*, também se busca a pessoa que ficará responsável pelas crianças deixadas pelo falecido. Se for um homem que morreu, procura-se duas pessoas: uma mulher, para cuidar das crianças, e um homem, para cuidar dos bens deixados. Porém, se o falecido for uma mulher, procura-se apenas uma mulher, do lado materno da família, para cuidar dos filhos da falecida.

Figura 17- Planta *Badôdoce* utilizado na armação de *Djongago* dos *Mancanhas*



Fonte: Elaborado pela autora, 2023

Na cultura *Mancanha*, há uma planta chamada *badôdoce*, que é utilizada no ritual de *Djongago* quando alguém morre. Após o sepultamento, os familiares próximos do falecido retiram galhos dessa planta e os levam para casa para realizar o ritual. No velório que presenciei, os familiares colheram os galhos da *badôdoce* diretamente no cemitério.

5.3.PUDEM KAMBANSAM (Ylsa Steira)

Para levantar a esteira de uma pessoa falecida, é necessário aguardar oito semanas, ou seja, 48 dias, no caso dos homens, e seis semanas, correspondendo a 36 dias, no caso das mulheres. Entre os *Mancanhas*, uma semana tem 6 dias, e um ano é composto por 61 semanas. Nos dias da semana, não há domingo.

Ylsa Steira é o terceiro ritual que se realiza, o qual ocorre sete dias após a morte da pessoa. Nesse ritual, sacrifica-se uma cabra, compra-se milho preto, arroz e cana, e prepara-se a comida. Após esse momento, as pessoas que estavam presentes podem dispersar-se, cada uma

retornando à sua casa. É tradição que, quando uma pessoa morre na família, parte dos familiares permaneça na casa do falecido para consolar a família e realizar os rituais mais urgentes. Depois do *Ylsa Steira*, todos podem voltar às suas casas, aguardando o *Nguram* ou outros rituais que ainda virão.

5.4. NGURAM

Nguram é uma cerimônia pós-morte e relato a partir de minha observação e participação em campo. O *Nguram* que presenciei ocorreu no dia 16 de outubro de 2023, porém as datas podem variar, pois a cerimônia é realizada quando surge a lua cheia. Os *Bandjanhãs*, guardiões do cemitério e astrólogos, informam o dia em que a lua aparecerá, seguindo o calendário *Mancanha*, que determina que a cerimônia ocorra em setembro para os *Mancanhas* de Bula e em outubro para os *Mancanhas* de Có. É obrigatório realizar esse ritual quando há um familiar falecido e alguém está em luto.

Nesta perspectiva, o *Nguram* é uma cerimônia na qual o filho mais velho entra em luto por um período específico. Se for o pai que faleceu, o primeiro filho homem realiza o luto, seguindo algumas orientações, como o uso de vestimentas pretas, carregar uma cabaça na cabeça, usar uma pulseira com um pedaço de osso, abster-se de relações sexuais com a esposa e não consumir carne ou comida sagrada, sob pena de morte.

No caso de a falecida ser a mãe, a primeira filha deve fazer o luto, cumprindo os seguintes requisitos: usar roupas pretas e um lenço na cabeça diariamente, um *panu-di-pinti* preto e branco em volta da cintura, abster-se de relações sexuais com o marido, e carregar a cabaça nas costas, presa ao pescoço. Ela também não pode comer carne ou comida sagrada, sob risco de morte.

O período de luto varia, dependendo do mês em que a pessoa faleceu. A partir daquela data, aguarda-se até o mês de setembro ou outubro. Nos rituais que presenciei em 2023, na Guiné-Bissau, em Bula e Có, o luto pode durar meses ou até quase um ano para ser finalizado. Essa data é específica para a etnia *Mancanha*. As datas são diferentes para os *Mancanhas* de Bula, que realizam o ritual um mês antes.

Todos os familiares se reúnem na aldeia/*tabanka* para realizar a cerimônia, que dura o dia inteiro. Se os pais do(a) primogênito(a) estiverem ambos falecidos, a cerimônia pode ser realizada um pela manhã e outro à tarde, ou uma cerimônia em um dia e a outra no dia seguinte. Essas cerimônias são diferentes do *Nguram*. No caso de Bula, o ritual pode durar até três dias, enquanto em Có, há apenas um único dia para a realização. Por isso, todos os *Mancanhas* de

Có, independentemente de onde estejam, observam com atenção a data anunciada pelas autoridades tradicionais através de seus interlocutores.

À medida que o ritual se aproxima das 16 horas, o(a) primogênito(a) inicia o processo. As mulheres presentes colocam o *panu-di-pinti* e acompanham o primogênito ao cemitério respectivo. Este pano é tradicional e sagrado para todos da cultura *Mancanha*. Os guineenses o utilizam em diversas ocasiões, como pedidos de casamento, velórios e outras práticas culturais. O pano, de tecido grosso, possui uma simbologia profunda para os *Mancanhas*, sendo considerado sagrado. Seu uso é essencial para as mulheres durante as práticas culturais.

Figura 18-Reunião na *tabanka* de família Mancanha em Có, cerimônia de *Nguram*



Fonte: Elaborado pela autora, 2023

A partir das descrições e imagens a seguir, é possível compreender de forma clara como os acessórios para o ritual são colocados e também a diferenciação entre homens e mulheres no que se refere à organização. Normalmente, as mulheres ficam de um lado e os homens de outro, conversando.

5.4.1. *Nhintch*- Homem

Um homem segue a pé para o cemitério com uma palhota sobre a cabeça, que é o foco principal. Logo atrás, três mulheres trazem os itens necessários: uma carrega uma cabaça com arroz cru, uma perna de cabra e um litro de cachaça; as outras duas carregam a comida chamada *citi-ku-lite* conhecida no Brasil como óleo de dendê e *lite* (leite iogurtado), sendo que um desses itens está em uma panela de barro e o outro em uma cabaça. Ao chegar ao cemitério, o procedimento é o mesmo para homens e mulheres, e o não cumprimento das regras impostas pode resultar em maldição ou até mesmo na morte. Os irmãos, se desejarem, podem vestir-se de preto durante a cerimônia, mas a obrigatoriedade e a penalidade recaem sobre o primeiro filho (a).

Figura 19- Cerimônia de *Nguran* Masculino



Fonte: Elaborado pela autora, 2023

5.4.2. *Nhatch*- Mulher

Sobre os ombros, após colocar o couro da cabra morta no início do dia, posiciona-se uma cabaça com arroz cru, um litro de cachaça e um pé da cabra sobre a cabeça. Ao se levantar, derrama-se um pouco do arroz da cabaça sobre a pessoa, como uma forma de bênção, antes de iniciar a caminhada da aldeia até o cemitério.

Existem algumas regras básicas que se aplicam tanto a homens quanto a mulheres: não se pode virar ou olhar para trás, tanto na ida quanto na volta. Acompanhando essa pessoa, mais duas mulheres carregam duas tigelas com *citi-ku- lite* e arroz, que são comidas preparadas para o ritual. A primeira tigela, pequena e de barro, é deixada na entrada do cemitério como oferenda para as almas; a segunda, em uma cabaça pequena, é usada para despejar sobre o túmulo.

Figura 20- Cerimônia de *Nguram* da mãe da mulher de roupa preta na foto em Có



Fonte: Elaborado pela autora, 2023

Figura 21- Saída da casa para o cemitério em Có



Fonte: Elaborado pela autora, 2023

A convite das pessoas presentes, acompanhei a tradição até o cemitério. Ao chegar, notei a presença de um guardião chamado *Bandjanhãs*, título atribuído conforme a hierarquia dentro da etnia, além de mais duas pessoas responsáveis pelo cuidado do cemitério, conhecidos como coveiros.

Também observei que a mulher enlutada teve que pagar uma multa em dinheiro pelo atraso, o que lhe permitiu entrar no local. As oferendas, destinadas às almas, são colocadas debaixo de uma árvore grandiosa, chamada *cabaceira*, considerada sagrada pelos guineenses.

No Brasil, essa árvore é conhecida como *Baobá*, nome que também é utilizado em outros países. Após o ritual, todos os acessórios utilizados, como o couro da cabra e o *panu-di-pinti* preto e branco, são deixados no cemitério.

Figura 22- Um senhor *Bandjanhã* guardião do cemitério de Có à conversar com a mulher.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023

A cabaça e o *citi-ku-lite* são colocados debaixo da cabaceira, uma árvore sagrada, e, em seguida, a caminhada prossegue em direção à campa. Ao chegar lá, uma panela de barro, virada para baixo, é encontrada, e um pouco do *citi-ku-lite* é derramado sobre ela a partir da cabaça, finalizando assim a cerimônia. A partir desse momento, a pessoa está liberada para usar outros tipos de roupas, ter relações sexuais e comer qualquer alimento.

É importante ressaltar que há penalidades severas para aqueles que desrespeitam a sacralidade do ritual. Por exemplo, ao quebrar a abstinência sexual, muitas pessoas evitam ir ao cemitério. Caso decidam ir, ao se aproximarem do local, enfrentam o risco de uma maldição mortal ao entrar. Por isso, deixam as oferendas fora do cemitério e correm, sendo perseguidas e agredidas pelas pessoas que as acompanham, que usam pedras, paus ou qualquer outro objeto para bater nelas.

Essa punição serve para evitar que os ancestrais as matem por desobediência. Segundo relatos dos interlocutores, já houve casos de pessoas que desobedeceram, entraram no cemitério, invalidaram o ritual e, conseqüentemente, morreram.

Figura 23- Comida sagrada posta debaixo de poilão como oferenda para os mortos.



Fonte: Elaborado pela autora, 2023

Também, é sobrejada juntamente com panela cheia de comida junto a campa do parente falecido, um momento de muita emoção entre os familiares, parece um ato de despedida final, um a deus daquele momento.

Figura 24- Comida sagrada sobrejada sobre a campa do/a falecido/a



Fonte: Elaborado pela autora, 2023

Todos os presentes na *tabanka* comem a comida sagrada. alguns antes de ir ao cemitério e os que não acompanham ficam no local, comendo e se divertindo. Sentados em roda, com a comida no centro, comeram com a mão. A maioria das pessoas ali presentes queria que eu experimentasse e vivenciasse a sua cultura. Experimentei e, pela primeira vez, comi com a mão. Para mim, foi uma experiência ao mesmo tempo estranha e maravilhosa. Pude me apropriar da cultura e observar a alegria e a gratidão das pessoas ao ver uma mulher branca interagindo com naturalidade. Enquanto comíamos, muitos homens e mulheres se aproximaram para ver a estrangeira agachada no chão, comendo com a mão, conversando e sorrindo com todos.

Foi naquele momento que foi possível conhecer mais a fundo a cultura da etnia *Mancanha*, por meio de *boca, ouvido e gestos* (Hambatê Bâ, 2010). Ao perguntar se eu tinha gostado, respondi que sim, mencionando que a comida tinha um sabor diferenciado, algo que eu nunca tinha experimentado antes. Notei uma preocupação dos presentes em saber se eu estava me sentindo à vontade. Disseram: *Você pode parar de comer se quiser*. O cuidado e o zelo demonstrados foram cruciais para garantir que as informações e dados coletados fossem transmitidos com clareza e sem o risco de repassar informações incorretas.

Pude observar a organização e cada detalhe do ritual, a simplicidade e generosidade, a manifestação da sacralidade presente e forte na cultura. O elo entre Brasil e Guiné-Bissau amplia a cultura e leva conhecimentos de forma exógena, contribuindo para a continuidade e o despertar de novos campos de pesquisa.

Figura 25- Comida sagrada *Katchassa* na cerimônia do *Nguran*



Fonte: Elaborado pela autora, 2023

Figura 26- Pesquisadora com participação ativa no momento da cerimônia



Fonte: Elaborado pela autora, 2023

Contudo, considera-se que pessoas que não conseguem cumprir o período de luto, conforme as normas estabelecidas pelo grupo étnico para determinado ritual, dessacralizam o pano, desrespeitam o falecido, desonram o nome dele e de toda a família. No dia em que é realizado o *Nguram* para o término do luto, a pessoa enlutada é observada em todas as suas ações, pois não carrega apenas o luto, mas também o nome de toda a família. Por isso, todos cuidam dela, fazendo várias perguntas ao longo do dia para garantir que ela não desrespeitou sua família (*dana panu malgós*¹⁸). A sacralização nas cerimônias é bastante rigorosa; no entanto, enquanto estive em campo para investigação, algumas pessoas relataram uma segunda hipótese que diz,

No entanto está sendo adotado um novo método ao aproximar do mês de *Nguram* a pessoas enlutada caso tenha infligido alguma norma, ele pode ir até o cemitério e jogar o pano na entrada e voltar para casa, passa aquele tempo, aproximado dois meses cumprindo a todas normas do ritual para que esteja limpo, purificado para o dia do *Nguram* (conversa informal, dia 22/12/2023).

¹⁸ Desonrar a memória do falecido e da família.

Foram realizadas algumas conversas informais com algumas pessoas, que relataram desconhecer essa prática. No início, não foi possível confirmar ou desmentir tal hipótese. Como investigadora, com base nos conhecimentos adquiridos nos estudos de campo africano, a segunda hipótese surgida durante a investigação não faz sentido dentro da etnia *Mancanha*. Sendo uma prática desconhecida pelos interlocutores entrevistados e após os devidos esclarecimentos e a desconfirmação, o que se observa é que:

Se esta pratica existisse, não teríamos período de luto com abstinência sexual com o(a) esposo(a), não comer comida sagrada, todos iriam preferir esta forma, já que poderia fazer o luto um mês antes da data do *Nguram* e estaria purificado (ancião, 2023).

Partindo de uma perspectiva interdisciplinar, Carlos Pimenta enfatiza que “o conceito de complexidade está sempre na fronteira entre uma certa ‘estrutura da realidade’ e um certo desconhecimento dessa mesma realidade” (PIMENTA, 2013). Ao analisar este conceito, é importante considerar sua complexidade e como ele se manifesta na realidade por meio de materiais e respostas concretas.

Para homens e mulheres que não têm filhos, a cerimônia de *Nguram* não é realizada, pois a responsabilidade recai obrigatoriamente sobre os filhos. Ou seja, apenas aqueles que deixaram filhos têm direito ao *Nguram*. Estivemos presentes no cemitério de Có, reservado exclusivamente para a etnia *Mancanha*, para a realização das suas atividades, ou seja, realização dos rituais de falecimento, de *Nguram* e outros rituais, estivemos a acompanhando a finalização do ritual.

Observamos um grande número de árvores de grande porte e de tronco, como por exemplo, os poilões, as *cabaceiras* e outras que são símbolos sagrados dentro dessa etnia.

Ou seja, tem um certo significado por estarem nesse lugar.

Figura 27- Cemitério de Có



Fonte: Elaborado pela autora, 2023

O cemitério de Có possui um grande número de árvores sagradas ao redor, além de um colmeia de abelhas, que também tem seu significado, levando em conta o tempo que permanece no local. Acredita-se que aqueles que vão para lá com maus espíritos são atacados pelas abelhas. Pensa-se que os espíritos dos mortos ajudam a proteger o cemitério. No cemitério de Có, não há divisão de acordo com a hierarquia; todos são sepultados na área que desejarem.

Por outro lado, o cemitério da tabanka de Bula possui uma estrutura diferente. Ele é dividido de acordo com a hierarquia: homens que passaram pelo ritual de *Katchassa* (fanado) são enterrados em uma parte reservada do cemitério, da mesma forma que o *régulo* é sepultado em uma área reservada exclusivamente para aqueles que assumem a função de regulado. A população em geral é sepultada na área restante do cemitério.

5.5.KATCHASSA (cozinhar comida)

A comida sagrada tem um significado profundo dentro da cultura, sendo respeitada por todas as etnias tanto durante seu preparo quanto no momento de consumo e até mesmo ao falar sobre ela.

Esse prato é feito com *citi* (óleo de dendê) e *lite* (leite iogurtado), conhecido como *citi-ku-lite*. Esse alimento é preparado em algumas cerimônias, como o *Nguram* e o *Uram*.

Figura 28- Comida de citi e lite (óleo de dendê e leite) durante *Nguram*



Fonte: Elaborado pela autora, 2023

Igualmente, as comidas de *Katchassa*, também feita com a mesma sacralidade, mas com preparo diferente.

Figura 29- *Katchassa* (comida sagrada)



Fonte: Elaborado pela autora, 2023

Figura 30- Milho preto utilizado na cozinha de *katchassa*



Fonte: Elaborado pela autora, 2023

A figura acima representa o milho preto, utilizado para preparar a comida *katchassa* em C6 e Bula, ou seja, em qualquer lugar onde houver *Mancanhas*. 6 importante lembrar que essas duas *tabankas* s6o as principais localidades dessa

etnia, embora os *Mancanhas* estejam espalhados por todo o territ6rio nacional, al6m de estarem presentes no Senegal e na G6mbia. Independentemente de onde estiverem, os *Mancanhas* precisam regressar ou obedecer ao calend6rio 6tnico e t6m a obrigatoriedade de realizar as cerim6nias em suas *tabankas* de origem (C6/Bula). As cerim6nias n6o s6o realizadas em qualquer lugar ou pa6s em que estejam.

Figura 31- *Tabanka de Bula: cerimônia ULEMP*



Fonte: Acervo da autora: Foto obtida a partir do álbum fotográfico do *Régulo*, 2023

A cerimônia *Katchassa* é realizada de maneira diferente para o *régulo* em comparação aos demais membros do grupo étnico *Mancanha*. No caso do *régulo*, a cerimônia é intitulada "ULEMP" e é realizada anualmente no templo sagrado enquanto o *régulo* estiver em vida. As vestimentas do *régulo*, dos *Bandjanhãs*, dos *Nansughãs* e de sua esposa, casada pelo casamento tradicional *Mancanha*, são predominantemente vermelhas. Após o falecimento do *régulo*, esse rito não é mais realizado.

5.6.WURAM

É considerada a cerimônia mais perigosa após a morte de *papé* ou *mamé*. Por essa razão, é preparada a comida sagrada, chamada *katchassa*, que deve ser consumida urgentemente pelos filhos. No entanto, se o filho não a consumir e, posteriormente, ingerir alimentos em algum lugar onde outras pessoas estejam comendo, ele poderá morrer como forma de penalização. Caso ele coma uma refeição preparada em uma panela onde foi cozida carne de cabra, ou beba em um copo que tenha sido usado para armazenar água destinada ao cozimento dessa carne, ele também poderá morrer. Ou seja, enquanto essa cerimônia não for realizada, as pessoas evitam comer fora de casa, para que a sacralidade do ritual não cause mais um óbito na família. De acordo com dados obtidos em entrevistas, foi relatado que já se presenciaram consequências da sacralidade desse ritual.

Essa é uma cerimônia que, mesmo que a pessoa não siga os rituais por motivos religiosos, ainda tende a realizar, por medo da sacralidade. Pessoas que estão na Europa, América ou em outros locais, caso venham a consumir a comida sagrada preparada na mesma tigela, pilada no mesmo pilão ou utilizando os mesmos talheres, podem vir a óbito, pois a sacralidade do ritual tem o mesmo significado, independentemente do local onde um *Mancanha* esteja. Se o *Mancanha* não estiver presente no local onde o ritual é realizado, ao retornar ao país, a cerimônia será imediatamente feita para que ele possa estar liberto para comer em outros ambientes. A realização do ritual segue as seguintes etapas: sacrifica-se uma cabra, prepara-se a comida e coloca-se uma esteira no chão. Amarra-se um pano nos joelhos, e antes de comer a comida sagrada, que inclui carne de cabra, milho e arroz, a colher é levada duas vezes à boca da pessoa, sem que ela coma. Na terceira vez, a pessoa finalmente ingere a comida. Após esse ato, a pessoa está livre de perigo, podendo comer em qualquer lugar.

Importante realçar que, a cerimônia de *Nguram* depende do *Uram*, pois é a mesma comida sagrada que é preparada em ambos os rituais.

5.7.FUNERAL DOS RÉGULOS DE CÓ E BULA

Não se anuncia diretamente que o *régulo* morreu; diz-se que ele está constipado. Esse estado é mantido por uma lua, ou seja, por um pouco mais de 20 dias, até que se anuncie que *a terra partiu*. Entre os *Mancanhas*, isso é dito como **NBOF MAFOMA**, um código para informar que o *régulo* faleceu. Entretanto, quando uma pessoa idosa morre, usa-se a expressão *UANHA*, que significa *perdemos*. Essas são as formas de anunciar o falecimento, dependendo da posição da pessoa entre os *Mancanhas*. Não se pode afirmar que o *régulo* morreu da mesma forma que qualquer outra pessoa, pois isso seria um sinal de espanto e desrespeito.

No passado, quando um *régulo* morria, seu corpo era fumado para preservá-lo durante os dias necessários para realizar todos os rituais antes do funeral. No momento do enterro, eram feitas duas covas: uma horizontal e outra vertical. O *régulo* era colocado na cova vertical, e, na cova horizontal, eram enterrados dois virgens, uma menina e um rapaz, vivos. No entanto, no século XXI, isso não ocorre mais dessa forma. O *régulo* é velado de maneira mais comum, com uma duração de 48 horas, no máximo 72 horas, e o corpo já não é mais fumado.

Antigamente, o anúncio da morte de um *régulo* demorava muito, pois havia muitas guerras e práticas de feitiçaria para matar quem estava no trono e, assim, assumir o poder no regulado. Essa demora era justificada pela necessidade de preparação para a substituição do *régulo*, tarefa dos *Bandjanhãs*. A organização para essa substituição acontecia em segredo, para evitar guerras pelo poder, o que era comum na época. Hoje, enquanto o novo *régulo* não é oficialmente anunciado, os *Bandjanhãs* assumem a ordem do território até que o próximo *régulo* tome posse, de acordo com a linhagem.

O funeral dos *regulos* ocorre entre três e quatro horas da manhã, pois nem todos podem estar presentes. Isso se deve à comunicação com o *mundo da verdade*. Aqueles que não são *pauteiros* e estiverem presentes podem vir a óbito por não saberem como lidar com o poder da ancestralidade. Os presentes são apenas os *Bandjanhãs*, *Nansughãs*, a família e algumas outras pessoas com habilidades especiais (*pauteiros*), que escutam o som do *bombolom*, ou seja, que falam ou ouvem mensagens através do *bombolom*, pois essa comunicação não é divulgada.

Após algum tempo, que pode levar meses ou até anos, é realizada a cerimônia de *Tokatchur* do *régulo*, com duração de 3 a 4 dias. Essa cerimônia inclui seis *bombolons*, seis tocadores, um *casseculum* e segue um procedimento diferente dos rituais das demais autoridades e da população em geral.

Além disso, realiza-se a cerimônia *Bidimpal* para descobrir a causa da morte do *régulo*. O *Bidimpal* de um *regulado* é diferente dos demais e é conhecido pelo povo como *Djongago*. O

Bidjimpal tem a forma de um navio, é grande e bem arquitetado, sendo necessário que cinco pessoas o elevem. Conforme a pessoa à frente faz perguntas à alma do falecido, o *Bidimpal* reage, respondendo *sim* ou *não* através das pessoas que o estão segurando.

Figura 32- *Bdjimpal* do Régulo de Có realizado em maio de 2023



Fonte: Elaborado pela autora, 2023

Após a morte do *régulo*, seu sucessor assume o poder. As mulheres e outros familiares do falecido se mudam para locais próximos aos seus parentes, e o reino fica desabitado, pois o novo *régulo* construirá sua morada em outro lugar.

5.8. TRÂNSITO DA VIDA TERRENA PARA A VIDA PÓS- MORTE

Para a cultura guineense, a morte não existe da forma como a entendemos. Segundo o relato do interlocutor 5: “Nós não morremos, é a alma que cansa do corpo e sai dele” (Interlocutor 5, 23/09/2023). As almas ficam andando pelas *tabankas*, e por isso, quando se está no mato ou em um lugar isolado, não se deve permanecer em silêncio. É necessário fazer algum tipo de som ou barulho para que as almas saibam da presença de pessoas no local. As almas podem assumir forma física e geralmente aparecem vestidas com roupas pretas, especialmente para aqueles que moram no lado do pôr do sol, onde as almas costumam vagar. Quando uma pessoa morre, após um ano, sua força neste mundo começa a diminuir. Às vezes, antes mesmo de a pessoa falecer, sua alma já viaja para o outro mundo, acompanhando as outras almas, indo e vindo. Muitas vezes, se uma pessoa nesse estado de transição é má, ela pode capturar as almas de outras pessoas mais fracas neste mundo. Assim, quando alguém morre, todos os mortos daquele mundo vão receber essa pessoa, recolhendo suas *encomendas*. O interlocutor 6 complementa essa visão, explicando,

É por isso que temos que colocar roupas, panos e outras coisas sempre que morre uma pessoa da nossa etnia, por que senão, as almas revoltam e matam a pessoa. Pois entendem que não estamos importando com eles lá (Interlocutora 6. Dia 18/11/2023).

Por isso a presença de acessórios dentro das práticas cerimoniais é sagrada, honrando a memória dos seus antepassados.

5.9. LIGAÇÃO ENTRE O MUNDO DOS VIVOS E DE VERDADE “MORTOS”

A interrelação entre os dois mundos é naturalizada pela população guineense, onde o conceito de morte, como entendido em outras culturas, não existe; existe apenas o descanso do corpo. Dessa forma, é possível perceber a presença das almas dos antepassados por meio de sinais, especialmente nos rituais fúnebres, que marcam a transição definitiva para o mundo dos ancestrais.

É necessário completar o ciclo de todos os rituais para que a alma possa descansar em paz. Durante o ritual *Toka-tchur*, por exemplo, são invocados os nomes de toda a linhagem do falecido, na ordem decrescente, do mais velho até o falecido daquele dia. Um dos interlocutores afirma: Os tocadores de *bombolom* começam vocando os ancestrais, e quando eles descem, junto com eles, convidam amigos para participar daquele momento (Interlocutor 4,

dia: 20/09/2023). As pessoas que são *pauteiros*, ao receberem uma mensagem dos ancestrais, levantam-se para realizar o *Karmussar*¹⁹. Esses *pauteiros* conseguem ver as almas transitando entre os presentes e conversando. Ao final do ritual, essas almas podem finalmente descansar.

5.10. RITUAL DE TOKA- TCHUR COMO TRANSIÇÃO E COMUNICAÇÃO COM ANCESTRAIS

Toka-tchur significa "pago" ou "pagamento de *bambaram*", que se refere ao ato de retribuir os sacrifícios que seus pais fizeram por você. Em outras palavras, eles te criaram, deram alimentação, educação e muito mais. Um homem deve realizar o *Toka- tchur* para sua esposa, pois ela lhe deu filhos e se sacrificou ao longo de todo o casamento. Assim, o *Toka-tchur* é uma forma de quitar essa dívida com seus pais por tudo o que fizeram por você, permitindo também que você se despeça definitivamente da alma deles após a morte. Por isso, o *Toka-tchur* é uma cerimônia de grande importância.

Para a realização da cerimônia de *Toka-tchur*, seguem-se alguns parâmetros. O primeiro deles é que só se pode realizar o *Toka-tchur* de um filho se já tiver ocorrido o *Toka-tchur* dos seus antepassados, ou seja, dos mais velhos. Em segundo lugar, é obrigatório seguir a ordem dos mais velhos para os mais jovens, sendo proibido realizar a cerimônia de um filho sem antes ter realizado a de seu pai (*papê*) ou mãe (*mamê*).

Após o falecimento do pai, o primeiro filho homem torna-se o responsável pela casa e pela família. Todas as decisões e ações a serem tomadas devem obrigatoriamente passar por sua autorização. Mesmo casado, o filho homem mantém a responsabilidade de sustentar a família da casa grande, suprimindo necessidades como comida, reparos na casa e outras questões. Se o primeiro filho homem falecer, o segundo filho assumirá essa responsabilidade, e assim sucessivamente, seguindo a ordem cronológica de nascimento.

Para a cerimônia de *Toka-tchur* ser realizada, o filho responsável pela casa precisa dar sua permissão. Enquanto ele não autorizar, a cerimônia não pode ocorrer.

Após a permissão ser concedida, algum familiar deve ir à *tabanka* de Có ou Bula, onde o calendário cerimonial está localizado, para marcar a data desejada.

¹⁹ Uma dança para homenagear e ao mesmo tempo conversar um ancestral presente.

Se a data escolhida não estiver disponível, outra data deve ser selecionada, pois não é permitido realizar mais de um *Toka-tchur* da etnia *Mancanha* no mesmo dia. O calendário garante o controle dessa prática.

O *Toka-tchur* só pode ser realizado com a presença dos *tocadores* e dos *bombolons*. Caso esses elementos faltem, a cerimônia deve ser adiada.

Para iniciar o ritual *Toka-tchur*, a pessoa se aproxima do mestre, que está com o *kassekulum*, o *Bombolom* do meio, que é o menor. Os outros dois *bombolons*, posicionados à direita e à esquerda, são maiores, mas têm o mesmo tamanho entre si. Alguém da família pega o vinho e derrama ao lado do *Bombolom kassekulum*, chamando o nome do falecido para quem o ritual será realizado.

Os *tocadores* de *bombolons* se organizam em outro espaço. São três *tocadores*, cada um com um *bombolom*, posicionados lado a lado em sentido horizontal. Os *bombolons* são colocados sobre alguma coisa, como um pneu ou paus, por exemplo. Os *tocadores* sentam-se em cadeiras, enquanto as pessoas ficam nas calçadas da casa, escutando os toques. O homem que toca no centro é o mestre, que orienta os outros dois *tocadores* ao seu lado. O mestre é quem inicia o toque, e os outros o acompanham no ritmo. Cada toque é diferente para cada pessoa falecida, seguindo sempre o ritmo da linhagem e dos seus clãs ancestrais, seja homem ou mulher. Por exemplo, o toque para um tio é diferente do toque para um sobrinho, pois, apesar de serem da mesma etnia, pertencem a clãs diferentes. O mestre possui o conhecimento de cada som que deve ser tocado. Eles tocam e param por alguns minutos, reiniciando apenas quando o mestre dá o sinal.

No campo, tivemos a autorização do *omi garandi* da casa para realizar vídeos e fotos, e pude participar ativamente da cerimônia. Como forma de gratidão pelo toque, ofereci uma quantia em dinheiro aos *tocadores*. Durante a performance, qualquer pessoa presente, ou até mesmo os próprios *tocadores*, podem ouvir uma mensagem que alguém da ancestralidade deseja transmitir a um ente querido. Não importa se o parente a quem a mensagem se refere está presente ou não, a mensagem será comunicada. A pessoa que escuta a mensagem levanta-se, faz uma reverência tocando com a mão cada *bombolom* e levando-a à testa. Após a reverência, como sinal de bênção, a pessoa pega um facão, toca nos *bombolons*, e as pessoas se levantam para festejar, mesmo sem saber qual é a mensagem transmitida e para quem é destinada. Mas festejam, pois sabem que alguém da ancestralidade está transmitindo uma mensagem.

Figura 33- Cerimônia *Toka- Tchur*: tocadores de bombolom na *tabanka* de Có



Fonte: Elaborado pela Autora, 2023

A realização do ritual *Toka-tchur* pode variar de semanas a anos, não havendo um tempo determinado para a sua concretização. O *Toka-tchur* do qual participei ativamente foi para um homem, o primeiro filho da família, que teve uma morte prematura. A cerimônia foi realizada 40 anos após seu falecimento.

Para iniciar a última cerimônia pós-morte, chamada *Toka-tchur*, o filho veste roupas adequadas, dando início ao ritual por volta das 16 horas. Se ainda não tiver sido realizado, este filho começa com um ritual inicial chamado *katchassa*. Ele monta uma tenda simbolizando a casa do pai; caso o pai não tenha tido uma casa, sob essa tenda é preparada a comida sagrada chamada *katchassa*, feita com *citi-ku-lite*. Em seguida, utiliza-se uma panela de barro grande, na qual são intercaladas camadas de arroz, leite coalhado e *cite* (óleo de palma). Após preencher a panela, a comida é servida a todos os presentes no local, raspando-se o fundo da panela. Quando a refeição termina, a panela é virada de boca para baixo sobre a campa onde o falecido foi enterrado. Só então se prossegue com a cerimônia *Toka-tchur*.

A cerimônia começa por volta das 16 horas do primeiro dia, com o sacrifício obrigatório de um porco, que é servido a todos. Os familiares passam a noite no local, acomodando-se como podem, enquanto comem e bebem. Ao amanhecer, é obrigatório sacrificar o primeiro boi, que

deve ser oferecido pelo filho mais velho da casa, sendo ele o sucessor e responsável pela família. A carne do boi é servida a todos, acompanhada de arroz. À tarde, por volta das três horas, realiza-se outro ritual chamado *Karmussa*, no qual o filho apresenta a vaca que comprou para oferecer ao falecido pai ou mãe, diante dos *bombolons* enquanto estes são tocados. O filho empunha um facão e executa uma dança típica do momento. As mulheres colocam em seus pescoços um *panu-di-pinti*, que é um tecido com uma pequena abertura no meio. Não há uma quantidade exata de mantas; todas as oferecidas são aceitas, podendo ser dez ou mais. Depois, o tio, irmão do falecido e responsável pela casa, toma o facão das mãos do sobrinho e continua a dança para a passagem do *Karmussa*. Em seguida, a vaca é sacrificada. Todos os filhos que trouxeram uma vaca participam desse momento de dança antes do sacrifício. Os parentes que ofereceram a vaca não são obrigados a realizar o mesmo ritual. Não há um número exato de vacas ou bois para a cerimônia. Na que participei, foram sacrificados quatro bovinos, além de porcos e cabras, mas há cerimônias em que quantidades exorbitantes de animais são oferecidas.

Figura 34- Ritual *Karmussa* (louvor, agradecer, manifestar) do primogênito durante *toka-tchur*.



Fonte: Elaborado pela Autora, 2023

Durante o ritual, oferece-se pedaços de carne da vaca a toda a família presente, pois a carne não pode ser vendida. Além disso, enquanto os *bombolons* não forem virados, a cerimônia não pode ser encerrada. Às 16 horas, os *bombolons* são virados e as paletas (varinhas) são escondidas, pois são consideradas sagradas, finalizando assim a cerimônia de *Toka-tchur*. Após o término, músicas são tocadas para que as pessoas possam dançar, brincar e festejar pelo resto da noite. Caso haja outra cerimônia a ser realizada, ocorre um breve momento de dança e celebração, seguido imediatamente pelo início da próxima, pois não é permitido realizar a cerimônia em nome de duas pessoas no mesmo dia, mesmo que sejam da mesma família; cada uma deve ter o seu próprio dia.

Há alguns aspectos importantes para a realização da cerimônia:

1. A cerimônia para um adulto tem a duração de 24 horas, começando à tarde e terminando à tarde do dia seguinte.
2. Quando uma criança morre com poucos dias de vida, não se realiza a cerimônia.
3. Quando uma criança morre com alguns meses de vida, realiza-se a cerimônia, sacrificando-se uma galinha. Essa galinha só pode ser consumida por mulheres que não estão sexualmente ativas. Caso uma mulher sexualmente ativa a consuma, ela poderá enfrentar dificuldades para engravidar e dar à luz.
4. A cerimônia para um jovem começa pela manhã e termina na tarde do mesmo dia.
5. Se um jovem de 13 anos falece, mas deixa descendentes, os filhos têm a obrigação de realizar todas as cerimônias fúnebres, incluindo o *Toka-tchur*.
6. Quando um jovem de 18 anos que não tem filhos falece, sacrifica-se um animal como representação.
7. Não se celebra cerimônia para falecimentos prematuros.

Hoje em dia, o *Toka-tchur* apresenta aspectos significativamente diferentes em comparação ao passado. Antigamente, a simbologia do ritual remetia à tristeza e à dor. No entanto, atualmente, mesmo em meio ao luto, a festa, com danças e uma grande variedade de bebidas, tornou-se um elemento importante. Sacrifica-se um grande número de vacas, dependendo das condições financeiras da família, e se a pessoa falecida era uma figura renomada

na sociedade, como um *régulo*, político, *omi garandi*, etc., os gastos tendem a ser ainda maiores, a ponto de o evento ser visto como uma verdadeira "indústria de gastar dinheiro".

Anteriormente, as cerimônias eram realizadas de forma simples, com galinhas e sumo. Hoje, a abundância é exagerada. Em conversa com o senhor João Mancabo, atual *régulo* de Bula, ele mencionou que uma de suas próximas providências será formalizar, por meio de uma escritura, uma regulamentação para que os gastos com as cerimônias sejam reduzidos, retornando ao modelo de décadas atrás, em conformidade com as condições financeiras de cada família. Assim, quando seu sucessor assumir o reino, poderá continuar com o legado que ele deixará.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma indagação desafiadora permaneceu ao longo de todo o desenvolvimento deste trabalho: como investigar e compreender uma cultura totalmente diferente, estabelecendo um elo por meio de um olhar inicialmente exógeno em outro país, mas que se torna endógeno à medida que a observação se aprofunda, culminando em convites para participar de atos sagrados. Com base na coleta de dados em Guiné- Bissau, foi possível constatar que o povo guineense atribui uma importância profunda ao ritual de *Toka-tchur*, pois ele estabelece uma conexão com os antepassados, que estão no mundo da ancestralidade, permitindo a ligação entre o mundo dos vivos e o *mundo da verdade* (mortos). Os *Mancanhas* são um povo que expressa profundo respeito pelas crenças ancestrais, acreditando que, por meio desse ritual, é possível acessar o mundo sagrado, cumprindo as exigências rituais para que a alma da pessoa falecida seja honrada, deixando definitivamente o mundo terreno.

Os diversos rituais fúnebres seguem uma ordem rigorosa, em que um ritual só pode ser realizado após a concretização de outro. Por exemplo, o ritual *Nguram* depende do *Uram*, e ambos envolvem a comida sagrada *Katchassa*. Durante a observação em campo e as entrevistas, esse encadeamento foi sendo esclarecido. Com um olhar e uma cultura exógenos, participei de um aprendizado sem receios em relação à sacralidade, percebendo que os *Mancanhas*, imbuídos de sua cultura e ensinamentos locais, exigem total respeito aos rituais, mas, ao mesmo tempo, sentem certo receio pela força da sacralidade. Como investigadora, que começou de forma exógena e foi se tornando endógena, percebi que o povo da etnia *Mancanha* cria um elo afetivo profundo durante os rituais. Esse elo também se manifesta durante a visita ao templo do *régulo*, gerando um misto de estranhamento e curiosidade, ao mesmo tempo que se sentem honrados ao perceber que uma pessoa de outro país está interessada em investigar e levar o conhecimento sobre sua cultura para outros contextos.

Os resultados desta pesquisa são grandiosos. O objeto de estudo transformou o sonho de uma mulher brasileira, que jamais havia saído de sua terra natal, em uma oportunidade de abrir novos horizontes em outro continente. A UNILAB é como uma mãe para muitos estudantes, proporcionando esse tipo de experiência transformadora. Como disse *Kabengele Munanga: As etnias também têm história* (Munanga, 2004). Em campo, nas observações e entrevistas, sempre obtive êxito, pois o povo *Mancanha* demonstra orgulho e respeito por sua cultura, desejando que ela se espalhe por muitos outros países. As etnias possuem sua própria

identidade, e, por meio da oralidade, é possível explorar diversos espaços interdisciplinares e áreas profissionais.

Utilizamos o método etnográfico para desenvolver este trabalho, o que facilitou a aproximação com os sujeitos da pesquisa, ocorrendo de forma natural e com a aceitação de todos os envolvidos. No início da construção do projeto, consideramos utilizar o critério de anonimato para todos os interlocutores. Porém, no decorrer da pesquisa, percebeu-se a satisfação dos entrevistados em manifestar transparência e em se tornarem protagonistas desta dissertação, o que levou a uma reformulação, mantendo alguns interlocutores ocultos e outros não.

Adentrar no campo interdisciplinar nos permitiu ampliar o escopo do trabalho, observando outros aspectos, como economia, política, organização social, grupos familiares, escolas e religiões. Isso gerou diversas motivações e questionamentos sobre como sistematizar os conceitos e as opiniões da população nas *tabankas* do país.

A escolha dos interlocutores foi ampla e dinâmica. À medida que as entrevistas avançavam, novas descobertas surgiam, revelando pessoas e conceitos que orientavam o caminho a seguir para obter resultados mais robustos. A INEP foi fundamental para a obtenção de dados, permitindo a aquisição de livros na biblioteca do instituto, livros estes que não estão disponíveis nas redes sociais. Além disso, os investigadores locais também demonstraram prontidão para contribuir.

Este é um trabalho que terá continuidade, com o objetivo de coletar dados mais detalhados sobre outros aspectos que ainda não foram abordados nesta dissertação.

7. REFERÊNCIAS

AMSALLE, Jean-Loup; M'BOKOLO, Elikia (Coord.). **Pelos meandros da etnia: etnias, tribalismo e Estado em África**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

BANIWA, Gersem. **Antropologia indígena: o caminho da descolonização e da autonomia indígena**. Porto Seguro, BA: [s.n.], 2008.

BARTH, Fredrik. **Teorias da etnicidade. Seguindo de Grupos étnicos e suas fronteiras**. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne (Orgs.). São Paulo: UNESP, 1998.

BENZINHO, Joana; ROSA, Marta. **Guia turístico: à descoberta da Guiné-Bissau**. União Europeia, 2015.

CORREIA, João Cornélio Gomes (Coord.). **Atlas dos instrumentais tradicionais da Guiné-Bissau**. [S.l.]: Fundação Bartolomeu Simões Pereira, [s.d.].

CURTIN, Philip D. **Tendências recentes das pesquisas históricas africanas e contribuição à história em geral**. In: História geral da África: metodologia e pré-história da África. Vol. I. Brasília: UNESCO, 2010.

DANTAS, Mônica Fagundes. **Ancoradas no corpo, ancoradas na experiência: etnografia, autoetnografia e estudos em dança**. Urdimento, v. 2, n. 27, p. 91-105, 2016.

DIAGNE, P. **Parte I: História linguística. In: História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África**. Editado por Joseph Ki-Zerbo. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010.

DIALLO, Ibrahima. **Contribuição para debate sobre identidades e cidadania na Guiné-Bissau**. Soronda: Revista de Estudos Guineenses, nova série, n. 8, p. 45-60, jul. 2004.

FRIGOTTO, Gaudêncio. A interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas ciências sociais. In: JANTSCH, Ari Paulo; BIANCHETTI, [Org.]. **Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

GREMBERG, H. J. Classificação das línguas da África. In: **História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África**. Editado por Joseph Ki-Zerbo. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. Tradição viva. In: **História geral da África: metodologia e pré-história da África**. Vol. I. Brasília: UNESCO, 2010.

UNESCO. História geral da África, I: **Metodologia e pré-história da África**. Editado por Joseph Ki-Zerbo. 2. ed. rev. Brasília., 2010.

HOBSBAWN, Eric. **A invenção das tradições**. In: HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence (Orgs.). Rio de Janeiro: Coleção Pensamento Crítico, 6. ed., 1997.

JAO, Mamadú. A questão da etnicidade e a origem étnica dos Mancanhas. Soronda: **Revista de Estudos Guineenses**, v. XX, n. 20, p. 19-32, jul. 1995.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

JESUS, Bernardo Gomes de. **Manjacos da Guiné-Bissau: sobre discursos, culturas, saberes e tradições no período colonial e pós-colonial**. Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

LOPES, Carlos. **Kaabunké: espaço, território e poder na Guiné-Bissau, Gâmbia e Casamance pré-coloniais**. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1999.

MACAMO, Elísio Aquino de Bragança. Estudos africanos e interdisciplinaridade. In: CRUZ E SILVA, Teresa; COELHO, João Paulo Borges; SOUTO, Amélia Neves (Orgs.). **Como fazer ciências sociais e humanas em África: questões epistemológicas, metodológicas, teóricas e políticas**. Dakar: CODESRIA, 2012.

MONTYSUMA, Marcos; MOSER, Gisele Palma. A história oral em diálogos interdisciplinares: algumas reflexões sobre memória e narrativas de problemas contemporâneos. **XI Encontro Regional Sudeste História Oral**. Disponível em: https://www.sudeste2015.historiaoral.org.br/resources/anais/9/1432132090_ARQUIVO_ABHO-Sudeste-ArtigoHistoriaOraleInterdisciplinaridade_1.pdf. Acesso em: 15 jan. 2024.

MUNANGA, Kabengele. **Identidade étnica, poder e direitos humanos**. Thot Africa, São Paulo, n. 80, p. 45-60, 2004.

OLIVEIRA, Adilson Victor. A infância perdida: conflito político-militar de 07 de junho de 1998 na Guiné-Bissau. **Revista África Africanidades**, n. 34, p. 67-80, maio 2020.

OLIVEIRA, Adilson Victor. **Cultura e poder em Casamance: uma leitura sobre a bibliografia colonial da região**. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Humanidades, Instituto de Humanidades (IH), Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2021.

OLIVEIRA, Lenilda da Costa Lima. Algumas notas introdutórias sobre o ritual Yalsa Steira da etnia Brame da Guiné-Bissau: os Brames ou Mancanhas. In: **SEMANA DE HUMANIDADES**, 15., 2022, Fortaleza. Anais [...]. Fortaleza: Centro de Humanidades

da UFC, 2022. p. 85. Tema: Sonhar é Humanas: (re)existências no mundo contemporâneo.

OLIVEIRA, Lenilda da Costa Lima; OSSAGÔ, Ricardo de Carvalho. Algumas práticas culturais na Guiné-Bissau. In: BARBOSA, Edson Holanda Lima; FEITOSA, Geórgia Maria; PAIVA, Jaqueline da Silva Costa (Orgs.). **Ensaaios interdisciplinares em humanidades**, v. VII. Fortaleza: EdUECE, 1. ed., 2024. Disponível em: https://mih.unilab.edu.br/wp-content/uploads/2024/06/Ensaaios-interdisciplinares-em-humanidades-1_240605_104807.pdf. Acesso em: 06 jun. 2024.

PAIGC. **História da Guiné e ilhas de Cabo Verde**. Porto: Afrontamento, 1974.

PIMENTA, Carlos. **Interdisciplinaridade nas ciências sociais**: manual. Ribeirão Preto: Ed. Humus, 2013.

POUTIGNAT, Philippe. **Teorias da Etnicidade. Seguido De Grupos Étnicos e Suas Fronteiras**, de Fredrik Barth. São Paulo: UNESP, 1998.

QUADÉ, P. Fernandes. **Formas de comunicação tradicional na Guiné-Bissau**. Bissau: UNICEF, outubro 2021.

SEMEDO, Maria Odete da Costa Soares. **As Mandjuandadi, cantigas de mulher na Guiné-Bissau: da tradição oral à literatura**. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Letras, Belo Horizonte, 2010.

SIMÕES, Landerset. **Babel negra: etnografia, arte e cultura dos indígenas da Guiné**. Algés, 1935.

TÉ, Didier. Nação e desenvolvimento na Guiné-Bissau: as contribuições do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa e da Soronda: **Revista de Estudos Guineenses**. Dissertação apresentada ao Programa Multidisciplinar em Estudos Étnicos e Africanos da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.

TONET, Ivo. Interdisciplinaridade, formação humana e emancipação humana. In: **Serviço Social e Sociedade**, n. 116, p. 25-40, 2013.

UNILAB. **Estatuto da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira** (UNILAB). 2020. Disponível em: <https://unilab.edu.br/wp-content/uploads/2020/12/Estatuto-Unilab-Dez.2020.pdf>. Acesso em: 04 jan. 2024.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Tradução de Daniel Grassi. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

8. APÊNDICES

Apêndice 1- Feira da *tabanka* de Bula



Fonte: Elaborado pela Autora, 2023.

Apêndice 2- Mercado na chapa de Bissau



Fonte: Elaborado pela Autora, 2023.

Apêndice 3- Entrevista com o Senhor João Biaguê em sua residência



Fonte: Elaborado pela Autora, 2023.

Apêndice 4- Ritual de *Nguram*: ensinamentos da cultura enquanto se come a comida sagrada



Fonte: Elaborado pela Autora, 2023.

Apêndice 5- Primeira esposa do régulo de Bula

Fonte: Elaborada pela autora: Foto obtida a partir do álbum fotográfico do *Régulo*, 2023.

Apêndice 6- A segunda esposa do régulo de Bula

Fonte: Elaborada pela autora: Foto obtida a partir do álbum fotográfico do *Régulo*, 2023.

Apêndice 7- Terceira esposa do régulo de Bula



Fonte: Elaborada pela autora: Foto obtida a partir do álbum fotográfico do *Régulo*, 2023.

Apêndice 8- Quarta esposa do régulo de Bula



Fonte: Elaborada pela autora: Foto obtida a partir do álbum fotográfico do *Régulo*, 2023.

Apêndice 9- Feira d'água: vendas de cabaças

Fonte: Elaborada pela autora, 2023.

Apêndice 10- Feira artesanal de *Kukero*

Fonte: Elaborada pela autora, 2023.

Apêndice 11- Régulo de Bula: cerimônia *ULEMP*



Fonte: elaborado pela autora: Foto obtida a partir do álbum fotográfico do *Régulo*, 2023.

Apêndice 12- Bombolom *Kassekulum* em Có

Fonte: Elaborada pela autora, 2023

Apêndice 13- *Bamdjanhãs*

Fonte: Elaborada pela autora, 2023

Apêndice 14- Bamdjanhãs

Fonte: Elaborada pela autora, 2023

Apêndice 15- Mulheres no ato inicial do ritual de *toka-tchur*

Fonte: Elaborada pela autora, 2023